

**Ação educativa e formação no associativismo imigrante em Lisboa: o caso da
associação Moinho da Juventude da Cova da Moura no concelho de Amadora.**

Arianna Santaniello

**Dissertação de Mestrado em Ensino do Português como Língua
Segunda e Estrangeira**

Setembro 2016

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Maria Martinho.

A ti, Giovy

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação de mestrado tornou-se uma realidade graças ao apoio e motivação que me foram dados por pessoas muito importantes que me apoiaram fora e dentro do âmbito académico. É por isso que dedico este espaço a vós todos.

À Professora Doutora Ana Maria Martinho, que foi um suporte constante desde a inscrição no mestrado até hoje. Obrigada pelo seu suporte, pela paciência e disponibilidade dispensada em cada fase deste percurso formativo.

Aos professores todos do mestrado, pelo profissionalismo e paixão com a qual transmitem os conhecimentos.

A todos os meus colegas e amigos de mestrado, e em especial à Huan, ao Ângelo, ao Diego, à Percilda pela grande e sincera amizade dentro e fora da faculdade.

À Luísa que mesmo de longe esteve sempre aqui ao meu lado a apoiaram-me e encorajar-me durante todo o meu percurso formativo. Adoro-te.

À Fabiana, à Jessica e à Floriana que são as minhas amigas de sempre e que estiveram sempre presentes durante a minha vida inteira.

A todos os amigos que estão na Itália e a todos os que conheci aqui em Portugal que foram a minha segunda casa e o meu abrigo.

Ao meu tio, que nos deixou muito cedo mas que sabemos que está aqui connosco, sempre. Obrigada pelo teu amor e pelo teu suporte durante uma vida inteira.

À minha família toda que mesmo estando em Itália me fez sempre sentir o seu apoio e amor.

Aos meus pais, que desde que nasci foram o meu todo. Não há palavras suficientes para agradecer tudo o que fizeram por mim. Obrigada pela vossa compreensão, pelo vosso apoio cada dia, pelo vosso amor. Obrigada por ter apoiado as minhas escolhas, sei que não foi fácil. Amo-vos!

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”

(Albert Einstein)

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: Associativismo migrante, a presença africana em Lisboa e a origem do Moinho.....	3
1.1 Uma breve introdução sobre o movimento associativo de imigrantes em Portugal.....	3
1.2 Uma breve introdução sobre a presença africana na cidade de Lisboa e a importância do bairro do Mocambo	5
1.3 Associação cultural Moinho da Juventude: contextualização urbana, histórica e social.....	7
1.4 A filosofia da associação e as traves mestras.....	10
1.5 Os recursos humanos no Moinho.....	12
Capítulo II: Educação no Moinho.....	14
2.1 Filosofia da educação.....	14
2.2 Educação Formal, Informal e Não Formal.....	14
2.3 Educação na Creche “a Árvore”.....	16
2.4 A educação através da creche familiar do Moinho.....	19
2.5 A educação no Jardim de Infância (JI).....	21
2.6 O Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL).....	22
2.6.1 CATL Criança	22
2.6.2 CATL Jovem	24
2.7 Educação através do projeto Cidadania Participativa.....	26
2.8 Educação através do desporto.....	27

2.9 Programa escolhas-“Nu Kre III-6G”	29
Capítulo III: A Formação no Moinho.....	31
3.1 As mães de bairro e o Pulo como resposta social.....	32
3.2 Mediadores Socioculturais.....	36
3.3 Técnicos de Experiência em Pobreza e Exclusão Social.....	37
3.4 Animadores interculturais e agentes de interligação	39
3.5 O Gabinete bairro ativo/Gabinete de inserção profissional.....	39
Capítulo IV: As outras formas de educar e formar no Moinho.....	47
4.1 Iniciativas de Ação social: o centro de documentação e o balcão de Cidadão.....	47
4.2 O Gabinete de Ação Social.....	47
4.3 O Centro S.Tomkiewicz.....	48
4.4 Iniciativas de Âmbito Cultural.....	49
4.4.1 O Grupo <i>Finka Pé</i>	49
4.4.2 O <i>Kola San Jon</i>	50
4.5 O estúdio de gravação.....	50
4.6 Núcleos de Apoio Transversal	51
4.6.1 O Pólo informático.....	51
4.7 A biblioteca Ramos Rosa e a biblioteca Ângelo Felgueiras.....	51
Conclusões: O diálogo sobre o futuro.....	53
Referências Bibliográficas.....	55

Anexos

Anexo 1. Plano do bairro da Cova da Moura

Anexo 2. Representação do bairro de Mocambo: Estampa de Lisboa no século XVI de Giorgio Braunio

Anexo 3. Representação das traves mestras do Moinho da Juventude

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACMJ Associação Cultural Moinho da Juventude

ACIDI Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural

ACIME Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas

AERLIS Associação Empresarial da Região de Lisboa

ATL Atelier de tempos livres

CATL Centro de atividades e tempos livres

CIG Cidadania e a Igualdade de Género

CLAS Conselho Local de Ação Social da Amadora

CNAI Centros Nacionais de Apoio ao Migrante

CPCJ Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

DCB Diploma de Competências Básicas

EFA Educação e formação de adultos

FSE Fundo Social Europeu

GAB Gabinete Bairro Ativo

GAS Gabinete de ação social

GIP Gabinete de Inserção Profissional

IBC Iniciativa Bairros Críticos

IEFP Instituto do Emprego e da Formação Profissional

IHRU Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

INFOR Instituto para a inovação na formação

OIM Organização Internacional das Migrações

PAAI Programa de Apoio às Associações de Imigrantes

REAPN Rede Europeia Anti Pobreza

RNAJ Rede Nacional de Associações Juvenis

IPSS Instituição Particular de Solidariedade Social

SEF Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

UNIVA Unidade de Inserção na Vida Ativa

RESUMO

Organização sem fins lucrativos, criada a partir de um grupo informal de moradores do bairro, a Associação Moinho da juventude representa, hoje em dia, uma fonte de inspiração e motivação para as crianças, jovens, adultos e idosos que moram no bairro da Cova da Moura (Concelho da Amadora), bairro que desde sempre foi considerado pela opinião pública um lugar perigoso onde não há prosperidade nem positividade. Na imensidão de aspetos e características, no contexto do Moinho, que poderiam ter sido analisadas, considerou-se importante concentrar o foco na parte educativa e formativa que representam basicamente dois elementos constantemente presentes em qualquer ação dirigida pelo Moinho seja no âmbito cultural, seja no contexto socioeconómico entre os vários domínios. É neste contexto que este trabalho aparece para apresentar o que muitas vezes é esquecido ou deixado de lado, o trabalho educativo e construtivo de um lugar mágico onde formalidade e informalidade se articulam e no qual a dimensão individual e coletiva se envolvem para juntar-se num corpo só.

Palavras-chave: Educação, Formação, Moinho da Juventude, Aprendizagem, Multiculturalismo, Associativismo, Imigração.

ABSTRACT

The Cultural Association Moinho da Juventude (Windmill of Youth) is a non-profit organization which represents an important source of inspiration and motivation for children, young people, adults and senior people. The Windmill was born in the early 1980s in Amadora, specifically in a neighborhood called Cova da Moura. The whole neighborhood was built thanks to the hard work of local residents who managed to realize a self-financing project starting to build the quarter from the very beginning. According to a significant part of the public opinion the Association is situated in one of the most dangerous place in Lisbon. Cova da Moura is always described as a place without prosperity and positivity, controlled by the organized crime.

This work focuses on one of the several aspects of the Windmill, the educative and formative one, which has always represented a guideline for all the activities of the Association.

The goal of this work is to show how something that is commonly considered marginal turn out to be fundamental in the educative and instructive path of every individual. At the Windmill of Youth formality and informality are mixed together in order to prove how the individual and the collective dimensions contribute to create a whole by their fusion.

Keywords: Education, Training, Windmill of Youth, Learning, Multiculturalism, Associativism, Immigration

Introdução

Tive o meu primeiro encontro com a Associação Moinho da Juventude em 2013 quando, em conjunto com uma amiga, que naquela altura estava a trabalhar num projeto sobre a arte gráfica dos bairros no centro e na periferia de Lisboa, me cruzei com este mundo escondido.

As imagens, as pessoas, os cheiros e a cordialidade do bairro foram logo uma profunda emoção para mim pois, de uma certa forma, todo aquele mundo fazia-me lembrar a pitoresca imagem da minha cidade de origem, Nápoles.

Percorrendo as ruas do bairro, por cima de uma estrada íngreme, quase no coração da Cova, é que encontrei a Associação. Este primeiro encontro foi bastante rápido, mas foi suficiente para perceber que aquele microcosmo não passaria despercebido e que seria um objeto de estudo futuro.

Foi assim que, desde então, a associação foi sempre algo que quis viver mais por perto, mas sabia bem que o desafio da investigação seria grande pois o Moinho não era uma associação qualquer, era a Associação.

O trabalho visa a análise e apresentação de uma das componentes fundamentais presentes na associação que é a educativo-formativa, mas, antes de chegar diretamente a esta parte essencial e fundamental do trabalho, foi considerado oportuno partir de uma breve introdução ao movimento associativo de imigrantes em Portugal pois a história do Moinho da juventude passa pela história da construção do associativismo imigrante. Foi considerado também importante mencionar brevemente o valor da presença africana na cidade de Lisboa como algo que não pertence apenas à história da imigração do século vinte, mas que corre em paralelo com a história da mesma cidade.

Esta parte será assim tratada no primeiro capítulo e incluirá também a contextualização do Moinho a nível urbano, social e político apresentando nomeadamente quais os apoios estatais a este grande movimento. Serão aqui apresentadas também as chamadas “traves mestras” que edificam a filosofia da associação e nas quais assenta toda a ação do Moinho. Finalmente, neste capítulo serão analisados os dois conceitos fundamentais no Moinho: o *Djunta Mon* e o *empowerment*.

O foco do trabalho será em seguida localizado no segundo capítulo no qual será analisada a parte dedicada à educação, quais as atividades principais, quais as

metodologias educativas utilizadas e os projetos educacionais propostos na associação. A partir da apresentação dos lugares da educação no Moinho, tentar-se-á perceber a ligação entre os três tipos de educação, formal, informal e não formal e como estas três dinâmicas se misturam entre si.

No terceiro capítulo será abordada a parte dedicada à formação e serão apresentadas as novas figuras profissionais importadas pelo Moinho em Portugal como as mães de bairro, os mediadores socioculturais e os técnicos de experiência. Será aqui analisado o trabalho do Gabinete de inserção profissional.

No quarto e último capítulo serão brevemente apresentadas as outras formas de educar e formar no Moinho e algumas das iniciativas culturais que funcionam como meio de conservação identitária. Finalmente, tratar-se-á do futuro da associação, dos associados e do bairro, e valorizar-se-á o Moinho que, com o seu movimento incessante, se apresenta como uma fonte de produção de energia vital para a fortificação de um espaço que ao mesmo tempo é profundamente simbólico e imensamente concreto.

Capítulo I: Associativismo migrante, a presença africana em Lisboa e a origem do Moinho da Juventude

1.1 Uma breve introdução sobre o movimento associativo de imigrantes em Portugal.

Espaços de convívio, socialização, interpretação e educação, as associações de imigrantes representam hoje em dia uma realidade muito presente e ativa no contexto português. Nascidas a partir de grupos informais frequentemente isolados, elementos aglutinadores de pessoas que partilham uma herança cultural e proveniência comum, as associações de imigrantes configuram-se como fontes de vitalidade desempenhando um papel extremamente importante na vida dos seus membros. Mas quais são as fases mais importantes que deram origem a este movimento que hoje em dia mobiliza centenas de pessoas para a obtenção de um lugar digno na sociedade anfitriã?

Em Portugal o movimento associativo de imigrante deve a sua origem ao movimento associativo iniciado no século XVII e amplamente desenvolvido em XIX no seio da classe operária. Na história recente do associativismo de imigrantes em Portugal é possível sublinhar a importância de três grandes etapas:

Um primeiro momento que poderíamos nomear “fase de emergência” iniciada em meados dos anos 70 e que marcou todos os anos 80 com a grande chegada de imigrantes sobretudo africanos provenientes das ex-colónias portuguesas. Esta fase é caracterizada pela formação de associações informais na Área metropolitana de Lisboa que acolheu a maioria das pessoas que emigravam para Portugal. O principal objetivo inicial destas primeiras agregações era possibilitar uma instalação dos compatriotas onde faltavam medidas oficiais de integração.

Um segundo momento que pode ser classificado como “fase de intervenção” das mesmas associações que marcou a década dos anos 90 período no qual se assistiu ao aumento rápido do número de associações. Neste contexto é possível constatar que entre 1970 e 1980 se passa de uma associação (Casa de Cabo Verde) para 78 associações em 1996. Nesta fase as associações começam a dar os primeiros passos na intervenção política visando à integração dos migrantes a nível socioeconómico e à reivindicação de direitos de cidadania dos imigrantes e dos seus descendentes. É nesta fase que começam

os primeiros investimentos no desenvolvimento de projetos mais estruturados e de longo prazo.

A terceira fase, a mais recente, pode ser considerada como a “fase da maturação” que se desenvolve durante os meados da década dos 90 na qual as associações alcançam o reconhecimento formal por parte das instituições públicas a partir do Decreto-Lei nº115/99 que apresenta o regime jurídico das mesmas.¹

As três etapas acima referidas sobre pautadas fizeram com que as associações conseguissem atuar e intervir sempre mais em vários domínios públicos e privados que é possível agrupar em três âmbitos principais:

-Âmbito cultural que por vezes é o que da origem à associação e que diz respeito à preservação de uma específica identidade cultural e que se traduz na organização de atividades culturais que podem ser articuladas com o domínio educativo como pode ser a divulgação de atividades para a preservação de uma língua materna.

-Âmbito socioeconómico que se interliga com o âmbito educativo pois passa pela realização de atividades de educação não formal como *workshop* de vario género ou ateliers educativos, pela formação profissional com a promoção de cursos variados, pela promoção do bairro a nível urbanístico pela promoção do desporto e pela prestação de cuidados de saúde entre os vários domínios de ação.

-Âmbito político-legal que é o lugar da concretização das ações para a comunidade e que se baseia na informação sobre os direitos e deveres dos imigrantes contribuindo assim para a integração de cidadãos imigrantes a nível jurídico.²

O diálogo entre as associações e a sociedade recetora sempre foi bastante complexo e, em muitos casos, passa principalmente através da discriminação e, ou, marginalização social que se traduzem no mal-estar sentido pelos imigrantes nos mais variados âmbitos. É assim que neste contexto, o associativismo começa a assumir um papel-chave na mediação entre as pessoas que representa e o resto da sociedade.

É claro que com o passar dos anos assistiu-se ao crescimento do fenómeno da imigração e nessa ótica também da adoção da política de imigração europeia no início dos anos 90 por parte de Portugal, o país teve que criar umas figuras estatais que gerissem o grande

¹ Albuquerque R., Ferreira L., Viegas T., (2001) *O associativismo dos imigrantes em Portugal*. Disponível em http://janusonline.pt/2001/2001_3_3_16.html. Acedido em: 09.04.2016

² Ibid.

mundo da imigração. Foi assim que foi criado o Secretariado Coordenador dos Projetos de Educação Multicultural/Interculturas em março de 1991 que pode ser considerada a primeira medida política concreta neste domínio. A criação da figura do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), na dependência da Presidência do Conselho de Ministros, em finais de 1995 foi sem dúvida um momento muito relevante no âmbito do movimento associativo imigrante pois a entidade estatal pressupunha e pressupõe no seu estatuto “a consulta e o diálogo com entidades representativas dos imigrantes em Portugal” conforme declarado no decreto-lei nº3-A/96 de 26 de janeiro. É assim que o Estado fornece às associações, pela primeira vez, um intermediário no diálogo com o Governo.

Hoje em dia, as associações de origem imigrante integraram-se já num panorama bem amplo como parceiros do poder político a nível nacional e local e visam maioritariamente apostar na formação profissional dos seus membros pois parece que os subsídios estatais tendam a ser disponibilizados com mais facilidade neste âmbito.

1.2 Uma breve introdução sobre a presença africana na cidade de Lisboa e a importância do bairro do Mocambo

Desde há muito mencionada como “terra de muitas e variadas gentes”, Lisboa constituiu desde sempre um mosaico de culturas e tradições, sendo provavelmente a primeira cidade cosmopolita da Europa. Na sequência das viagens dos Descobrimentos, numerosos africanos foram trazidos para Portugal, muitos dos quais para servir como criados nas casas fidalgas da capital. Mas os africanos não eram apenas escravos, havia muitos libertos e forros que viviam a vida lisboeta, que gostavam de tourear por exemplo. Neste contexto, entre a Graça e o Campo Mártires da Pátria existia uma praça de touros onde os africanos costumavam tourear. No centro da cidade, na igreja de São Domingos no Rossio foi criada em finais do século XV a confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Como refere a Prof.^a Isabel Castro Henriques, Lisboa tem uma história africana e “cada vez mais é importante que se conheçam os lugares onde as pessoas passaram e existiram”. Há muitíssimos sítios espalhados pela cidade onde africanos escravizados estiveram com mais força, num período desde o Séc. XV até ao Séc. XIX. Muitos lugares já não existem fisicamente, mas estão ligados à presença dos africanos em Lisboa, uma história pouco trabalhada e pouco conhecida.

Uma “descoberta” muito importante na história da presença africana em Lisboa sobressai do estudo conduzido pela acima mencionada professora Castro Henriques e Pedro Pereira Leite, autores de “Lisboa, Cidade Africana — Percursos e Lugares de Memória da Presença Africana, Séculos XV-XXI”, que revela algo extraordinário sobre o bairro da Madragoa em Lisboa. “Situado nos arrabaldes de Lisboa, o bairro do Mocambo deve ser considerado como uma organização simultaneamente criada pelos africanos, sobretudo livres ou forros, e pelas autoridades portuguesas – ou castelhanas – que a aprovaram, pois permitia ela descongestionar a cidade. As populações africanas procuraram aí encontrar uma habitação autónoma”³. Criado por alvará régio de 1593 o bairro do Mocambo era o segundo dos seis bairros em que Lisboa estava organizada. No princípio o bairro compreendia as atuais freguesias de Santos-o-Velho, Santa Catarina, S.Paulo, N.S^a do Loreto e Chagas mas em seguida em 1742 abarcou mais freguesias até a zona de Belém. Esta designação do bairro resulta ser algo de claramente singular e inédito na história de Lisboa e provavelmente da Europa pois utiliza um termo de origem africana para designar um bairro no coração da cidade. Mocambo, que hoje em dia faria pensar mais a uma “mistura solúvel com café”, na verdade é um termo que em umbundo, uma das línguas nacionais angolanas, significa ‘pequena aldeia, lugar de refugio’. Este substantivo foi atribuído a aquele bairro específico porque era aí que os africanos fugidos se instalaram principalmente pois aquela parte de território não tinha o controlo de um proprietário específico. Assim, dia depois dia, um pouco como no bairro da Cova da Moura que será apresentado em seguida, os africanos começaram a construir as próprias habitações, algumas com hortas, e os próprios negócios para, em seguida, adquirir a liberdade. Era neste bairro, por exemplo, que as mulheres negras alugavam as casas aos forasteiros e era nesta zona que se concentrava o comércio de vários produtos.

Em 1515 D.Manuel I mandou construir um poço no bairro do Mocambo para que aí fossem lançados os escravos que falecessem na cidade: hoje em dia este sítio é a Rua do Poço dos Negros.

Foi a partir do século XVII, que o Mocambo começou a assistir à instalação da população portuguesa ligada sobretudo às atividades marítimas e pouco a pouco os africanos foram despovoando esse espaço citadino especialmente após as medidas

³ Henriques, Isabel de Castro, Leite, Pedro Pereira, (2013) *Lisboa cidade Africana: Percursos de Lugares de Memória*, 1ª edição, pp.29, ISBN- 978-972-8750-17-6 Lisboa/ Ilha de Moçambique: Marca d’Água.

pombalinas que decretaram em 1761 a proibição da importação de escravos e em 1773 a abolição da escravatura em Portugal.

O importante bairro do Mocambo foi-se diluindo com o tempo em meados do século XIX subiu uma nova modificação, desta vez de designação toponímica: o nome Mocambo foi atribuído apenas a uma travessa do bairro e provavelmente na segunda metade do século XIX, o nome desta travessa do Mocambo transformou-se na atual Rua das Trinas, local onde existia o Convento das Trinas do Mocambo (atualmente sede do Instituto Hidrográfico) — curiosamente criado pela Ordem Hospitalar da Santíssima Trindade do Resgate dos Cativos, que tinha como missão ajudar ao resgate dos cristãos feitos escravos pelos árabes. O antigo bairro do Mocambo foi assim, em seguida, denominado bairro da Madragoa, designação que se mantém ainda hoje.

Parece que a história e as lendas sobre o bairro de Mocambo perderam-se com o tempo, mas é preciso sublinhar que o bairro deve ter mantido alguma importância na memória africana pois por volta de 1880, a casa onde ficou alojada a Rainha do Congo D. Amália I com o seu séquito quando veio para Portugal para conhecer o Rei, situava-se precisamente na Travessa do Outeiro, à Rua de Bela Vista à Lapa, onde decorriam festas africanas definidas “assombrosas” nos periódicos lisboetas daquele tempo⁴. Por acaso, a morada atual da Associação Cultural Moinho da Juventude é na Travessa do Outeiro nº1 no Concelho de Amadora.

E possível afirmar que esta marca da presença africana em Lisboa desde o século XVI sente-se claramente muito hoje em dia com o fenómeno migratório e o bairro que será apresentado em seguida parece ser uma nova imagem do antigo Mocambo.

1.3 Associação cultural Moinho da Juventude: contextualização urbana, histórica e social.

Era uma vez, foram tantas vezes que muita gente de muitos mundos com alguns tijolos construiu mão-na-mão, pedra-na-pedra, vontade de muitos, vontade de todos, um lugar onde música, cultura e sabores se misturam. Era uma vez o bairro da Cova da Moura e o seu Moinho.

Fundada por iniciativa de um grupo de moradores do bairro da Cova da Moura, a Associação Cultural Moinho da Juventude (ACMJ), que na altura nem um nome tinha,

⁴ Henriques, Isabel de Castro, Leite, Pedro Pereira, Op.Cit. pp. 6

nasceu nos primeiros anos da década de 80 para fazer frente a uma exigência básica que dizia respeito ao saneamento básico, ao acesso a água canalizada e esgoto para todas as casas. Acredita-se que o nome Cova da Moura se deve à associação do buraco causado pela pedreira existente na zona e à família Moura, que habitava nas proximidades da pedreira. A zona na qual a associação está sediada foi, sobretudo durante a década de 1960, um território ocupado por pessoas que vinham do interior de Portugal e que, na esperança de melhores condições de vida, se estabeleceram nesta área que não se encontrava longe do centro da capital portuguesa. A este movimento migratório vindo do interior começou a juntar-se, após a revolução de 1974 e a independência das ex-colónias africanas, um êxodo de pessoas nativas destes países e os primeiros retornados das ex-colónias que, na altura, dada a independência a essas mesmas colónias, se viram obrigados a regressar ao país. Quer os retornados, quer os que fugiram das ex-colónias, em muitos casos não tinham quaisquer tipos de condições para refazer as suas vidas e foi assim que do nada começaram a construir barracas em matérias precárias e às vezes umas hortas que lembravam de uma certa forma a terra nativa e o mundo que tinham deixado para trás. A partir, então, de uma génese ilegal, a Cova da Moura, de terra isolada, começou a ser povoada e à medida das possibilidades financeiras e necessidades individuais e coletivas, foram-se melhorando e ampliando as casas originando um bairro que apresenta, hoje em dia, uma urbanística específica que o diferencia por exemplo dos bairros que o circundam.

Atualmente, a nível demográfico resulta ser muito difícil uma contagem certa da população do bairro pois por exemplo um estudo realizado em 2008⁵ pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil declarava que os habitantes eram 4.800, mas os censos de 2011 apontaram para 3.900 residentes. É claro que na variação numérica acima apontada poderia ser preciso ter em conta uma série de fatores como por exemplo todos os imigrantes que lá vivem, mas que não estão cadastrados regularmente em Portugal ou ter em consideração que o bairro continua a ser um ponto de passagem para os novos imigrantes que não são apenas de origem africana como também oriundos do Brasil ou Europa de Leste que de uma certa forma ocuparam os lugares dos antigos portugueses que vinham do interior. É neste contexto que para responder às necessidades dos moradores, o Moinho, de iniciativa informal, se transformou num projeto comunitário

⁵ LNEC-Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Departamento de Edifícios, Núcleo de Arquitetura e Urbanismo, Proc. 0806/01/16942, Colaboração do Lneec na Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura - Relatório de Síntese, 2008.

que, aos poucos, foi definindo e construindo os seus fundamentos e objetivos de ação. É possível traçar a história da associação nos seguintes momentos:

-Em 1984: criação do grupo de batuque na fila da bica de água para obter a instalação da rede de água e esgotos na Quinta do Outeiro. O Moinho nasceu a partir de uma organização de uma pequena biblioteca que será depois considerada a primeira sede da ACMJ, compra e reconstrução da segunda sede e criação das primeiras equipas de dança e de futebol;

-Em 1987: constituição oficial da associação com publicação no Diário da República de 9 de Junho de 1987;

-Em 1989: reconhecimento da ACMJ como Instituição Particular de Solidariedade Social e celebração do acordo ATL-Atividades de Tempos Livres;

-Em 1990: graças ao grande esforço de solidariedade e trabalho voluntário nasce a nova sede;

-Em 1995: Inauguração do jardim-de-infância;

-Em 1998 Acreditação como centro de formação;

-Em 1999: Início da UNIVA - Gabinete de apoio ao Emprego;

-Entre 2000 e 2003: instituição da creche familiar e do berçário, criação do primeiro estúdio de música com a formação de grupos Rap e de dança, constituição do centro intergeracional de apoio a idosos, implementação dos cursos de formação como o de agentes de interligação e o de peritos de experiência.

-Em 2006: Inauguração da biblioteca “António Ramos Rosa” e do centro de documentação “Stanislaw Tomkiewicz”;

-Em 2009: Abertura do estúdio de gravação e inauguração da biblioteca “Ângelo Felgueiras”;

-Em 2010: Inauguração da nova “Casa da Malta”, do Gabinete de Inserção Profissional (GIP) e do “Ninho dos Jovens”.

A associação conseguiu também organizar um programa de intercâmbio de grupos de jovens do bairro e desenvolver a área dedicada ao desporto com a implementação do grupo de basquete e do futebol feminino.

Na história da construção da ACMJ, duas datas acima mencionadas foram especialmente importantes: 1987, ano no qual se tornou oficial e 1989 ano no qual obteve o estatuto de instituição particular de solidariedade social (IPSS), estatuto criado em 1983 que estabelece uma forte colaboração entre estado e sociedade civil. O Fundo Social Europeu também passou a ser uma fonte determinante de subvenção desta e das outras IPSSs. Mesmo assim, as dificuldades que o Moinho teve foram muitas e o problema financeiro foi sempre o maior. Com a atribuição do estatuto de IPSS o Moinho passava a ter ainda mais responsabilidades pois o estado deixava basicamente o próprio trabalho e dever nas mãos da ACMJ que no fundo estava e está a prestar um serviço público não estatal.⁶

Hoje em dia, o Moinho, não obstante todas as dificuldades passadas, presentes e futuras pode oferecer aos moradores, e não apenas a eles, uma série de serviços que desde sempre faltaram no bairro. A resposta social que o Moinho oferece é de ordem:

- Socioeducativo com o jardim-de-infância, a creche “a árvore”, a creche familiar e o CATL (centro de Atividades de tempos livres);
- Socioprofissional com o GIP (Gabinete de inserção profissional), o GAD (Gabinete de Apoio a Documentação) e o GAS (Gabinete de Apoio social);
- Sociocultural com o projeto “Património Imaterial”, o grupo Batuke *Finka Pé*, o grupo *Kola Son Jon*, o grupo musical Kova M Estudio e o projeto de dança *Wonderfull's Kova M*;
- Socio-desportiva com a promoção do jogo do Basquete, Futsal e Atletismo;
- Sociojurídica com o balcão ao Cidadão que presta assistência aos moradores em vários âmbitos.

1.4 A filosofia da associação e as traves mestras

O Moinho, durante os vários anos que passaram desde a sua origem, foi estruturando e organizando sempre melhor os seus objetivos e prova disso é a filosofia que está na base de cada ação desenvolvida pela mesma. O conjunto de valores e princípios em que se alicerça toda a filosofia do Moinho são as “traves mestras” que sob a forma de palavras-chave resumem toda a forma de agir da ACMJ. Podem assim ser referidas:

⁶ Associação Moinho da juventude. Disponível em <http://www.moinhoda juventude.pt/index.php/entrar/história>. Acedido em 25/06/2016.

- 1-Interculturalidade: valorizar e respeitar a cultura dos outros e a própria cultura;
- 2-Comunicação: incentivar o diálogo e partilhar ideias e pensamentos;
- 3-Alegria: trabalhar com boa disposição e sorrir;
- 4- Género: trabalhar para desenvolver os elementos femininos e masculinos que fazem parte de cada pessoa;
- 5-Respeitar as convicções: quer sejam políticas, religiosas ou ideológicas é necessário respeitá-las;
- 6-Cooperação: incentivar e estimular o trabalho em grupo;
- 7-Empowerment: valorizar as próprias competências e as dos outros estimulando a reflexão e contribuindo para debates construtivos;
- 8- O meio ambiente: respeitar o que está a nossa volta, cuidar dos materiais e dos equipamentos fornecidos pela Associação;
- 9- Criatividade: incentivar e estimular a capacidade de criar;
- 10- Persistência: não desistir perante os obstáculos que a vida apresenta;
- 11- Qualidade, eficiência e eficácia: são as maneiras de concretizar o trabalho na Associação;
- 12-Ser solidário: ajudar os outros e sobretudo os que tiveram menos oportunidades na vida.

O conceito de trave mestra tem claramente uma forte ligação com a ideia de construção sempre presente no Moinho: a construção da pessoa e do bairro.

Todos estes princípios acima mencionados se articulam entre si numa mistura entre educação formal, informal e não formal.

De acordo com a filosofia da associação vai também o conceito do *djunta mon*, expressão crioula que literalmente pode ser traduzida como “de mãos unidas”. A ideia do *djunta mon* esteve, desde sempre, na base da Associação: um conceito que era uma clara alusão à construção física da Associação e do bairro, construção na qual tinham participado todos os moradores e sobretudo o que trabalhavam na área da construção civil e que passo depois passo permitiram esta edificação física e simbólica do Moinho.

O *djunta mon* é um processo de entreaajuda que faz parte de uma maneira de se portar na vida, é um processo de interação social no qual a conduta humana se forma, se expressa e se realiza e é ao mesmo tempo a razão pela qual os indivíduos conseguem dar um significado às coisas no mundo. Esta forma de trabalhar apresenta-se como um dos traços distintivos da cultura cabo-verdiana e é por isso que através desta maneira de trabalhar os associados de uma certa forma tentam preservar um dos aspetos da cultura de origem.

Outro conceito-chave no trabalho do Moinho é o *empowerment* (empoderamento). Conceito frequentemente associado ao setor da administração e gestão de empresas, é, no caso do Moinho, um dos pilares de intervenção da mesma e que está relacionado com a área da formação na associação. Como se pode ler no site da Associação (moinhodajuventude.pt), o *empowerment* é considerado como o processo através do qual os indivíduos, grupos locais ou comunidades vão desenvolver as suas capacidades e vão adquirir o poder de uma participação ativa com o objetivo de ter mais influência na comunidade e ser capaz de enriquecer as próprias vidas e a sociedade na qual vivem. O *empowerment* tem a ver também com o ajudar o indivíduo para aumentar as próprias capacidades de modo a poder tomar decisões, duma maneira independente sobre o que influencia a própria vida e de modo a ter influência nas pessoas que decidem sobre eles numa aprendizagem crescente deles próprios. Além de uma perspetiva formativa propriamente pessoal, o conceito de *empowerment* abarca uma área muito mais vasta: a comunicação, a ação, a reflexão sobre a ação e a cooperação.

Pode-se afirmar que se o *djunta mon* esteve na base da construção física e simbólica da Associação, o *Empowerment* foi aquele elemento que permitiu às pessoas fazer com que o Moinho se desenvolvesse tanto até chegar ao que esta associação representa hoje em dia.

1.5 Os recursos humanos no Moinho

Atualmente o Moinho é constituído por uma equipa bem forte que faz com que esta instituição possa lidar com a imensidão de trabalho que existe quotidianamente.

A ACJM consta de nove educadores de infância; treze auxiliares de educação, dez agentes de educação familiar, um agente de ocupação, vinte e sete mediadores socioculturais, uma professora, dois monitores, vinte amas, quinze técnicos superiores licenciados em Sociologia, Gestão de Recursos Humanos, Serviço Social, Línguas e

Culturas Africanas, Psicologia, Tradução, Administração Pública, Ciências Psicológicas, Reabilitação e Inserção Social, Gestão de empresas, Educação social, Administração e Gestão Desportiva e Engenharia do Ambiente. Além dos técnicos, encontram-se três operadores de experiência em pobreza e exclusão social, um rececionista, dois trabalhadores auxiliares, três ajudantes de cozinheiro, um técnico de construção civil/condução de obras, o corpo gerentes e sócios e vinte e três voluntários em diversas áreas.

A nível estatal, as entidades os entes que mais suportam e/ou colaboram com a Associação são o Ministério da Educação, o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, o Alto Comissariado para a Imigração e o Dialogo Intercultural, o Centro de Emprego. A nível municipal, a Câmara Municipal de Amadora também contribui para o desenvolvimento do Moinho como também o Governo Civil do Distrito de Lisboa. Mediante a apresentação de projetos os apoios mais consistentes veem do Fundo Social Europeu.

O Moinho é membro do Conselho Consultivo da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), do Conselho do Tribunal da Comarca da Grande Lisboa-Noroeste, da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), da Rede Nacional de Associações Juvenis (RNAJ), da Rede Europeia Anti Pobreza do REAPN e da Rede Social da Amadora- Conselho Local de Ação Social da Amadora (CLAS).

Capítulo II: Educação no Moinho

2.1 Filosofia da educação

Criado a partir de uma biblioteca infantojuvenil composta por livros oferecidos, o Moinho sempre apostou no desenvolvimento da ação socioeducativa e formativa. É claro que o progressivo incremento de pessoas, salas e materiais fez com que os projetos iniciais se fosse desenvolvendo e que a visibilidade da Associação fosse aumentando até ser reconhecida formalmente. Se no capítulo precedente foram analisadas as traves mestras da Associação em si, neste capítulo é possível incluir as traves mestras que dizem respeito à educação. Como se pode verificar no artigo *Associação Cultural Moinho da Juventude* em 2001 publicado na revista *Formar*⁷ é possível afirmar que a “filosofia da educação” da associação se baseia nos seguintes princípios:

1-Valorização da cultura de origem.

2-Desenvolvimento das capacidades e potencialidades dos moradores.

3-Desenvolvimento do *Empowerment*, conceito suportado por quatro traves mestras: a ação, a reflexão sobre a ação, a comunicação e a negociação.

A metodologia educativa de base no Moinho é a aprendizagem interativa entre as várias componentes deste processo. O trabalho educativo tenta constantemente criar uma estreita interligação entre a prática e a teoria, ação e reflexão. O que torna as ações educativas bem-sucedidas é o envolvimento de pessoas “chave” da comunidade neste processo.

2.2 Educação Formal, Informal e Não Formal

Antes de apresentar quais são as várias “maneiras de educar” no Moinho é oportuno diferenciar três tipologias de educação que por vezes têm limites bem porosos sobretudo no contexto que será apresentado em seguida. Quando se fala de educação, é oportuno considerar três tipos: formal, não formal e informal. Com base nestes três modelos é preciso ter em conta uma outra série de fatores que estão envolvidos nestes três

⁷ Associação Cultural Moinho da Juventude (2001). *Associação Cultural Moinho da Juventude*. Revista *Formar*. N. 40, 28-40.

processos: a definição, o tipo de influência, o contexto, o tipo de atividades, os efeitos, as vantagens e desvantagens.⁸

Define-se educação formal, um tipo de modelo que corresponde a uma educação sistemática e organizada segundo uma série de leis e normas e que segue um curriculum rígido para atingir específicos objetivos e conteúdos através de metodologias fixas. Os conteúdos são sistematizados e o tipo de influência é formativo-educativo, organizado e focado sobre metas específicas. Este tipo de educação é realizado em institutos especializados (escolas de vários tipos), as atividades realizadas seguem modelos formais e a maneira de atingir os objetivos é explícito e direto. Esta forma de aprendizagem tem a vantagem de assegurar a iniciação dos estudantes à criação de trabalhos organizados intelectualmente.

Define-se educação não formal como um tipo de aprendizagem que parte de uma escolha intencional do aprendente e prevê um sistema organizado e estruturado que se expressa fora do sistema formal tradicional, *on the road* por assim dizer, quase como se fosse uma segunda oportunidade para quem não conseguiu frequentar a escola formal. O voluntariado, o serviço civil nacional ou privado por exemplo. Este tipo de educação reduz a distância entre estudante e professor e a grande vantagem é que valoriza possibilidades e recursos.

Define-se educação informal como um tipo de aprendizagem que ao mesmo tempo pode ser muito longe e/ou muito próxima da aprendizagem formal e não formal. É aquele processo permanente e não estruturado graças ao qual maturam os conhecimentos, as atitudes e as opiniões através da experiência e das relações com os outros, um tipo de educação muito importante que não se configura nem como formal nem como informal e que não prevê necessariamente o alcance de objetivos específicos e explícitos. Atividades informais são por exemplo uma visita ao museu, ouvir rádio, assistir a um programa na televisão ou ler um livro. A educação informal é espontânea, heterogênea, multidisciplinar, não organizada pedagogicamente. O efeito sobre o aprendente pode ser positivo ou negativo e é muito importante pois estimula a criação de interesses de vários tipos.

⁸ MELNIC, Andreia-Simona, BOTEZ, Nicoleta, (2014) *Formal, Non-formal and Informal Interdependence in Education*, Disponível em http://www.ugb.ro/etc/etc2014no1/18_Melnic_Botez.pdf. Acedido em 24.05.2016

É possível afirmar então que a educação formal visa à criação de uma subordinação do estudante ao professor ao passo que as outras duas formas de aprendizagem são focadas no estudante e nas suas necessidades. As três formas de aprender deveriam funcionar em sinergia e equilíbrio para que o sistema de educação funcione da melhor forma pois desta forma o aprendente será capaz de responder com mais facilidade a situações da vida mais complexas. No Moinho existe uma porosidade entre estas três modalidades de educar e uma sinergia entre estas formas.

2.3 Educação na creche “a Árvore”

Criada a partir de uma necessidade dos moradores do bairro, a creche “a Árvore” surgiu no dia 5 de Maio de 2003. A criação desta estrutura está ligada ao projeto "Interligar" do Programa da Luta contra a Pobreza, que tinha como principais objetivos combater o insucesso e abandono escolar, promover a participação comunitária dos moradores e aumentar as competências escolares, sociais e pessoais das crianças, jovens e respetivas famílias. O acordo entre o Instituto de Segurança Social e o Moinho foi assinado apenas em 2004. A creche está aberta há mais do que dez anos e lamentavelmente continua sem autorização por parte da Câmara Municipal de Amadora para a construção de uma estrutura nova de raiz. Desde a sua existência “a Árvore” está instalada em contentores de segunda mão aos quais foi atribuída em 2003 uma garantia para cinco anos. Atualmente, não obstante, os vários projetos apresentados em articulação com a natureza e de forma a respeitar o ambiente aproveitado as águas pluviais e utilizando painéis solares e térmicos, a Câmara, que, no entanto, autorizou a construção quase ao lado da creche de uma Unidade de Cuidados Continuados, continua a não dar uma resposta sobre o futuro da estrutura.

Mesmo assim, a creche apoia hoje em dia 60 crianças todos os dias úteis das 6h as 20h e é organizada em quatro salas que são a sala do Limoeiro que hospeda 8 crianças dos 4 aos 12 meses, a sala da Laranjeira com 16 crianças dos 12 aos 24 meses, a sala da Macieira que inclui 18 crianças dos 24 aos 36 meses e a sala do Dragoeiro com 18 crianças dos 24 aos 36 meses. As quatro salas estão inspiradas nas plantas plantadas no dia de inauguração da creche, na pequena horta que faz parte da mesma estrutura. A equipa da creche é formada por três educadores de infância e dez auxiliares de ação educativa que contam com o apoio das cozinheiras, da equipa de limpeza e do secretariado.

A personalidade de uma criança se forma já a partir dos primeiros anos de vida da mesma e os primeiros três anos são importantes para o seu desenvolvimento global pois irão determinar as suas capacidades de adaptação, de aprendizagem, e da forma como irá enfrentar a vida. É neste âmbito que a creche tem um papel fundamental no desenvolvimento de uma criança e a Árvore, desde muito cedo, tenta ser um espaço no qual as crianças possam descobrir as próprias potencialidades e capacidades e conhecer a comunidade envolvente. A creche “a Árvore” trabalha para que a criança se integre na sociedade portuguesa sem perder a própria identidade cultural. Os objetivos gerais desta entidade são de dois tipos: os enfocados nas crianças e os enfocados na família e na comunidade. Os primeiros objetivos visam à criação de um ambiente acolhedor e de seguro, à promoção e desenvolvimento pessoal e socio-afetivo com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania, à promoção da autonomia, nomeadamente através de noções e hábitos de higiene, ao desenvolvimento psico-motor (visão, orientação espacial, motricidade, audição e linguagem), à promoção do contacto com a natureza e à sensibilização para a arte e a criatividade. Além disso, se tenta identificar precocemente dificuldades de aprendizagem e fazer o devido encaminhamento.

No que concerne aos objetivos focados na família e comunidade, a Árvore tenta dar a conhecer à comunidade o contexto educativo da creche, incluir pais, familiares e a comunidade na dinâmica desta entidade e no processo pedagógico, estreitando relações e criando hábitos de diálogo, intervenção e participação. A mesma Árvore visa ao desenvolvimento da autoconfiança e a autoestima de todos os intervenientes que são envolvidos, diretamente e, ou, indiretamente, no processo educativo. Num contexto de avaliação contínua do processo educativo, é possível afirmar que a nível de princípios e valores a transmitir pela creche consideramos os seguintes:

- Valorização da cultura de origem;
- Valorização do conceito de interligação e de integração social;
- Desenvolvimento do *Empowerment*, das potencialidades e das capacidades das crianças das famílias, da equipa de trabalho e da comunidade;
- Conexão entre o trabalho educativo teórico e a realidade exterior, a vida;

- Promoção e estimulação da relação entre Instituição, Meio e Família, envolvendo-os numa interação que possibilite a aquisição de Hábitos de Cidadania.

A nível de organização do trabalho no dia-a-dia, cada grupo segue um percurso específico consoante a idade e características das crianças que fazem parte do grupo. Além das atividades tradicionais, na creche realizam-se sessões de movimento, atividades plásticas (pinturas, colagens, rasgagem, modelagem), atividades dramáticas (dramatizações, imitação, fantoches, sombras chinesas, exploração de sons e histórias), atividades lúdicas (brincadeiras livres na sala e no exterior), atividades sensoriais (sons, cheiros, sabores, texturas), passeios e visitas de estudo, organizados com outras valências de ensino da ACMJ e outros parceiros externos e atividades no jardim interior da Associação e na casinha dos animais. Estes últimos dois sítios foram planeados com o propósito de tornar operacional a "teoria de interligação": reforçar a ligação com a natureza, o acompanhamento das crianças ao ciclo da vida.

Na creche Árvore o envolvimento dos pais e das famílias é muito importante e é por isso que se realizam mensalmente reuniões de sensibilização sobre o trabalho realizado na creche e se promovem ações de formação para a família e atividades para os pais. A equipa de "A Árvore" aposta muito no envolvimento dos familiares e da comunidade na creche e é com este intento que troca com eles informações, preocupações, achegas, e valoriza os mesmos para que através disso haja um estímulo no crescimento das crianças que são suportadas por estas famílias e comunidade. As reuniões e atividades formativas são importantes também para a mesma equipa da creche pois isso permite uma constante atualização sobre as práticas educativas dos membros e a resolução mais imediata de problemas que se encontram no dia-a-dia. É mesmo com este último propósito que todos os meses a equipa da creche se reúne para refletir sobre o seu trabalho e para planear as intervenções do mês seguinte. Como mencionado acima, a formação é uma trave-mestra do trabalho da Associação e é por isso que pelo menos metade das auxiliares de ação educativa participou num curso EFA (Educação e Formação de adultos), que para além de facultar a formação técnica, proporciona o certificado do 9º ano. Em conjunto com os colaboradores dos outros núcleos do Moinho, organizam-se ações de formação específicas, abordando temas como a importância da comunicação, da constelação familiar e organizacional, da prevenção da violência e a igualdade de oportunidades. Em 2001, após um estudo feito pelo Moinho

da Juventude sobre o bairro da Cova da Moura evidenciou-se que, para responder às necessidades dos pais, surgiram à volta de dezoito lugares de acolhimento de crianças, no bairro, sem qualquer reconhecimento oficial, dando apoio a 250 crianças. As respostas encontradas pela comunidade para suprir as suas carências eram as únicas de que dispunha uma população jovem e ativa. Hoje em dia, a creche "a Árvore" apresenta-se como um grande passo à frente na criação dum serviço de proximidade reconhecido, que vai dando prioridade às famílias com mais dificuldades e problemas.

2.4 A educação através da creche familiar do Moinho

Inaugurada em 2000, a creche familiar do Moinho veio implementar e complementar o trabalho da creche “a Árvore”, limitada em espaço e recursos para servir de apoio para um maior número de crianças. No princípio, as amas eram apenas seis, mas hoje em dia a creche familiar pode contar com a ajuda de vinte, no âmbito de um acordo celebrado entre a Associação e o Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social⁹.

O trabalho das amas, todas residentes no bairro da Cova da Moura, consiste em receber em casa 4 crianças dos 4 aos 36 meses por um total de 80 crianças na totalidade. Este serviço é prestado todos os dias entre as 5h e as 21h. O trabalho é coordenado e supervisionado por uma equipa técnica formada por duas educadoras e um agente de ação familiar com formação específica. O objetivo deste trabalho é estimular e desenvolver a relação entre a ACMJ, o meio e a família para que estes três elementos possam interagir e visa trabalhar profundamente na formação parental. Os objetivos específicos deste trabalho são o desenvolver a autoestima e autoconfiança de todos os participantes neste projeto; o valorizar a cultura de origem da criança, da sua família e da comunidade, o incluir os pais/familiares/comunidade na dinâmica da Creche Familiar criando hábitos de diálogo, intervenção e participação na comunidade educativa; o desenvolver noções e hábitos de cidadania e finalmente estreitar a relação entre a creche, a família, a equipa da Cidadania Participativa, a equipa do Pulo e a comunidade.

O objetivo mais importante é o da interação entre família e cada criança e isso se torna possível através do envolvimento dos pais na organização de atividades pedagógicas,

⁹Ministro da Solidariedade, Emprego e Segurança Social,(2014) *Compromisso de cooperação para o setor social e solidário*. Lisboa Disponível em: <http://www.seg-social.pt/documents/10152/453857/Protocolo+de+Coopera%C3%A7%C3%A3o+2015-2016>.Acedido em 05.08.2016

culturais e recreativas e através da operacionalização da Teoria da Interligação. A construção de um portfólio individual da criança em conjunto com a família também ajuda a alcançar com mais facilidade os objetivos.

No âmbito dos objetivos a alcançar que dizem respeito à primeira infância é possível mencionar os seguintes:

- Desenvolver a formação pessoal e social através da organização de três atividades pedagógicas semanais planificadas de forma individual ou entre amas, reforçando o trabalho entre grupos de proximidade,
- Estimular o conhecimento e a atuação das traves mestras;
- A nível prático, estimular o uso de termos de cortesia nas ações diárias (por favor, desculpa), à higiene geral, à postura à mesa e ao manuseamento dos talheres,
- Estimular o diálogo sobre pequenas conquistas das crianças,
- Incentivar a criança e a família a ter atitudes mais ecológicas nomeadamente ao reaproveitamento de matérias para a reciclagem;
- Estimular o conhecimento do mundo através de visitas guiadas e atividades no exterior,
- Desenvolver a comunicação através de exercícios de desenvolvimento da Linguagem Oral (aquisição de novo vocabulário), de conversas individuais e em grupo, de sessões de leitura, recontos e dramatização de histórias;
- Desenvolver o raciocínio lógico-matemático com atividades de iniciação à matemática a partir das vivências do dia-a-dia, de jogos pedagógicos, de realizações de sequências e de exercícios de contagem;
- Otimizar o domínio das expressões físicas e artísticas mediante a realização de atividades psicomotoras, de danças, de atividades musicais, de desenhos e pinturas e de trabalhos de expressão plástica.

Dentro destas diversas atividades, a creche familiar realiza periodicamente intercâmbios mensais com as outras respostas sociais da Associação quais a creche a Árvore, o jardim-de-infância e o projeto da Cidadania Participativa.

No que diz respeito à relação creche familiar e família, os objetivos são:

-Aumentar a quantidade de famílias que se envolvem no processo educativo dos seus filhos através de atividades de convite aos pais a entrar nas casas das amas enquanto se desenvolvem tarefas por exemplo;

-Realizar formações parentais estimulando o diálogo e troca de opiniões acerca das crianças e do seu desenvolvimento.

Todos os serviços prestados pela creche familiar são constantemente monitorizados e semanalmente os espaços onde são desenvolvidas as atividades são supervisionados, sendo monitorizado o trabalho das mesmas amas. O investimento na formação das amas também resulta ser muito importante: são reaproveitadas as formações presentes dentro da Associação e fora da mesma como por exemplo a formação sobre as NEE (necessidades educativas especiais). A creche familiar, hoje em dia, produz resultados positivos e apresenta-se sem dúvida como uma das grandes respostas sociais sobretudo num período no qual se sente às vezes o não cumprimento de obrigações por parte do Estado.

2.5 A educação no Jardim de Infância (JI)

Com o objetivo de prestar serviço pré-escolar a crianças entre os 3 e 6 anos, o Jardim de Infância da ACMJ auxilia atualmente todos os dias uteis das 8h às 19h cerca de 84 crianças. A equipa é constituída por quatro educadores de infância, três auxiliares de ação educativa e um agente de educação familiar que através de um trabalho em complementaridade entre si desenvolvem atividades juntos também aos técnicos responsáveis para atividades de ginástica e informática. Na área da saúde existe na instituição, em serviço de voluntariado, uma psicóloga e uma pedopsiquiatra que mensalmente acompanha as crianças. Na área do serviço social, um técnico de Serviço Social suporta a comunidade e as famílias dos utentes, sempre que necessário.

O jardim de Infância organiza-se em quatro salas, cada uma com um educador de infância e um auxiliar de ação educativa, e cada sala tem uma capacidade máxima entre as 15 e 25 crianças. Através de um planeamento rigoroso das atividades do setor de educação, o JI trabalha para atingir objetivos enfocados na criança, na família e na comunidade.

No domínio da criança os objetivos são:

- A promoção do desenvolvimento das crianças ao longo do ano letivo através da exploração de todas as áreas de expressão e dos temas de interesse mediante atividades inerentes às áreas de expressão lúdica, plástica, motora, linguagem e desenvolvimento pessoal e social;
- A promoção da inclusão, do respeito pela identidade pessoal de cada criança e das suas famílias e o respeito pela identidade do outro com características e diferenças individuais;
- O desenvolvimento integral da criança tendo como base de trabalho a operacionalização da teoria da interligação e o respeito pelas traves mestras: importantes no cumprimento deste objetivo são a realização de visitas de estudo dentro e fora do bairro e a realização de atividades no âmbito da área do conhecimento do mundo;
- A divulgação do tema da cooperação e comunicação entre a criança, família e comunidade.

No que diz respeito à relação JI e família, os objetivos são o de estimular os pais para a realização de atividades conjuntamente com os seus filhos, o de promover uma maior comunicação entre colaboradores do JI e as famílias, e apoiar estas últimas em caso de dificuldades.

No que concerne à relação JI e comunidade os objetivos dizem respeito à participação sempre maior das crianças e famílias na organização e realização das grandes manifestações de bairro como por exemplo o *Kola San Jon* ou em ocasião das Marchas Populares.

2.6 O Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL)

Complemento importante da ação educativa, o CATL do Moinho tem como público-alvo 205 crianças e jovens do primeiro, segundo, terceiro do ensino básico e secundário. O principal objetivo do centro é criar condições que permitam dar respostas sociais e educativas adequadas às necessidades das crianças e jovens que frequentam o centro tendo sempre em vista o desenvolvimento integral do utente e proporcionando um espaço de aprendizagem e crescimento onde se possam desenvolver competências sociais, pessoais e afetivas. O CATL divide-se em dois: o CATL Crianças e o CATL Jovens.

2.6.1CATL Criança

O CATL Criança desenvolve um trabalho com as crianças do primeiro ciclo do ensino básico e proporciona-lhes experiências educativas em diferentes áreas do ensino não formal. O grupo trabalha em conjunto com outras valências do Moinho de modo a dar uma maior resposta às necessidades das crianças, dos pais e da comunidade e de modo a cumprir o que é o lema do Centro “Aposta nas tuas capacidades”.

A estrutura do CATL Crianças é organizada através de uma serie de elementos: existe uma direção técnica, dois técnicos educativos (um professor e um agente familiar), um técnico de limpeza e higiene, dois técnicos de produção alimentar, três auxiliares de educação, um agente de educação familiar, um estagiário e um voluntario.

As atividades do CATL são assim organizadas:

- Antes da escola das 07:30-9:00 é o acolhimento;
- Durante a escola das 15:30-17:30 é a parte do apoio aos trabalhos de casa, Xadrez, tecnologias de informação e comunicação, atividades de expressão plástica;
- Depois da escola das 17:30-20:30: apoio aos trabalhos de casa, atividades de musica e dança (urbana e africana), desporto (atletismo, judo, basquetebol e futebol).

O CATL apresenta-se como uma ajuda importante à comunidade e às famílias pois está aberto também durante as interrupções escolares, durante as ferias e aos fins-de-semana organiza atividades lúdico pedagógicas e visitas de estudo.

Os objetivos gerais do centro de atividades de tempo livre são:

- Promover o desenvolvimento pessoal, cultural, social e desportivo da criança com base em experiências de vida democráticas numa perspetiva de educação para a cidadania;
- Incentivar a inserção da criança em grupos sociais vários, segundo o princípio do respeito pela pluralidade das culturas e favorecer uma progressiva consciência do papel do utente como membro da sociedade;
- Estimular o desenvolvimento global de cada criança no respeito pelas suas caraterísticas individuais, incutindo atitudes e comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- Contribuir para a igualdade de oportunidades ao sucesso da aprendizagem;

-Estimular o pensamento crítico, a curiosidade e desenvolver a comunicação e expressão através do utilizo de linguagens múltiplas como meio de relação, de informação e de compreensão do mundo;

-Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança/confiança;

-Proceder à despistagem de inadaptações promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança.

No que diz respeito aos objetivos e ações específicas do CATL é possível organizar os mesmos em três partes: os do primeiro semestre, os do segundo e os do terceiro semestre.

O primeiro semestre visa a organização do ambiente educativo a fim de ser um espaço mais adequado e acolhedor; a colaboração em criar laços de socialização entre as varias crianças através da realização de assembleias ou atividades/jogos em grupo; a promoção das relações entre escola/família/comunidade; a criação de atividades integradas num projeto de animação sociocultural e desportiva em que as crianças possam escolher e participar voluntariamente.

O segundo semestre concentra-se sobre a descoberta da criança: os objetivos dizem respeito ao melhoramento das competências de comunicação do utente, ao desenvolvimento do sentido de auto-responsabilização da criança, ao monitorizar e avaliar o desempenho escolar, ao apoiar na resolução dos trabalhos de casa realizando também fichas de trabalho. O trabalho realizado no CATL tem por objetivo a criação de um ambiente e estratégias próprias ao desenvolvimento da criança organizando atividades extracurriculares e pedagógicas.

Durante o terceiro semestre de atividades no CATL, a atenção está focada nos resultados da criança: com base nestes últimos, os objetivos das atividades são dirigidos para a diminuição da possibilidade da existência de comportamentos de risco ou pouco assertivos que o tempo livre não estruturado pode eventualmente propiciar. Nesta fase se tenciona também desenvolver o comportamento e a comunicação assertiva, a empatia, a cooperação e o respeito pelos outros e pelo património ambiental e cultural.

2.6.2 CATL Jovem

O CATL Jovem é uma resposta social constituída por jovens e adolescentes com frequência no primeiro, segundo e terceiro ciclos. Apresenta-se como um espaço que visa proporcionar aos seus utentes um ambiente acolhedor e que promove o bem-estar e o desenvolvimento cognitivo, afetivo e físico. Este espaço oferece aos jovens a possibilidade de descobrir a comunidade em que estão inseridos através de um conjunto de atividades socioeducativas para que se possa conviver em harmonia com o meio ambiente que os rodeia. O CATL Jovens consta de um agente de coordenação, um agente de educação familiar, um técnico auxiliar de Serviço Social, dois auxiliares de Educação, um monitor de acompanhamento ao estudo e três voluntários. O trabalho do CATL baseia-se nos seguintes princípios e valores: a valorização da amizade, do meu Eu e do relacionamento com o Outro; a importância de uma boa conduta e da contribuição do utente para o melhoramento da sociedade, a valorização do papel da família, do bairro e dos amigos, *Djunta Mon* na partilha e solidariedade.

A partir então de todos estes princípios cívicos/emocionais desenvolvem-se no CATL atividades como: apoio diário nas matérias escolares e na resolução dos TPC; apoio diário para testes e exames, sessões sobre técnicas de estudo e orientação escolar; apoio individualizado nas diferentes áreas sempre que for necessário. A nível de atividades extra-escolares o CATL realiza ações de promoção da cidadania e responsabilidade social, atividades culturais, desportivas, de expressão clássica, de educação para a saúde, formações temáticas de tecnologias de informação e comunicação, reflexões mensais sobre os comportamentos e atitudes e desenvolvimento de temáticas refletivas semanais. O CATL Jovens desenvolve também reuniões de acompanhamento escolar em diferentes escolas no concelho de Amadora e realiza acompanhamento familiar através de visitas domiciliárias dos encarregados da educação. Nas interrupções letivas realizam-se colónias de férias e intercâmbios nacionais e internacionais. A educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo, dizia Nelson Mandela, e é com base neste lema que o CATL e o mesmo Moinho direcionam todo o trabalho educativo/formativo. Desenvolver um espaço de reflexão conjunta e de partilha de experiências e conhecimento é o objetivo principal do CATL tal como capacitar os utentes e jovens para que as relações com os outros sigam um percurso de vida harmonioso e consciente do seu contributo para a sociedade.

Dentro do quadro educativo do Moinho, o CATL resulta como mais uma arma muito importante contra o desvio das crianças e os jovens pois consegue através de um tipo de educação não formal captar a atenção de quem no bairro “se distrai” com muita facilidade.

2.7 Educação através do projeto Cidadania Participativa

Dentro das diversas práticas de educação presentes no Moinho, a prática da Cidadania Participativa sobressai. Trata-se de uma prática que tem como missão a promoção da participação e da integração dos moradores do bairro da Cova da Moura através da consciencialização dos seus direitos de cidadãos. Os moradores são envolvidos num projeto que procura soluções que melhorem o quotidiano individual e coletivo. Neste programa, o bairro está dividido em sete zonas cada uma das quais tem duas pessoas: o agente de interligação/técnico de experiência em pobreza e exclusão social e o técnico especializado. Atualmente para o ano 2016 as áreas a serem trabalhadas são:

- Direitos humanos e exclusão social;
- Imigração;
- Envelhecimento ativo e solidariedade intergeracional;
- Saúde;
- Jovens, igualdade e género, cultura;
- Qualificação do bairro;
- Prevenção da violência doméstica e violência no namoro;
- Reagrupamento familiar;
- Apoio à documentação, encaminhamento para a formação e emprego e acompanhamento de apoio e prevenção pela equipa (agentes, técnicos, voluntários) às pessoas da comunidade, com atenção especial aos seniores.

A coordenação do projeto é garantida por duas pessoas, uma na área de gestão de atividades e equipas e uma responsável pela gestão financeira e administrativa e mensalmente a equipa coordenadora reúne as diversas equipas para organizar as áreas

de intervenções e delinear futuras iniciativas. Este projeto faz parte das “maneiras de educar” da associação Moinho da Juventude pois a participação e a cidadania são processos de aprendizagem e de desenvolvimento coletivo e individual que ajudam a desenvolver o espírito crítico e a forma de pensar a partir das coisas mais simples até chegar as situações mais complexas. Alguns dos objetivos deste projecto para este ano, que abrange varias áreas de educação/formação são:

1. A promoção da alfabetização junto dos moradores que ainda necessitam do apoio à aprendizagem da língua portuguesa através da dinamização de atividades de alfabetização no espaço intergeracional com os utentes duas vezes por semana e da criação de oportunidades para dar continuidade ao curso de alfabetização pós-laboral duas ou três vezes por semana;
2. A promoção num espaço intergeracional de atividades culturais como passeios e a realização de atividades artísticas que visam o desenvolvimento de novas formas de comunicação;
3. A realização de atividades relacionadas com a saúde e bem-estar dos utentes como cursos de ginástica ou fisioterapia;
4. O desenvolvimento de práticas que juntem as diferentes respostas sociais do Moinho na dinamização de atividades conjuntas ao longo do ano;
5. A promoção do trabalho em Tandem, ou seja, de um trabalho em complementaridade entre um técnico académico e um técnico de experiência;
6. A divulgação de atividades no âmbito do Programa de Apoio às Associações de Imigrantes (PAAI) do Alto Comissariado para as Migrações (ACM) através da realização de sessões de esclarecimento de duvidas dos imigrantes chegados aos pais de acolhimento e do incentivo para alterar comportamentos e/ou atitudes nos contextos familiares, laborais e sociais visando a consciencialização dos direitos dos cidadãos e à promoção de atitudes de integração.

2.8 Educação através do desporto

“O papel do desporto na promoção da integração social, em particular dos jovens, é amplamente reconhecido. O desporto oferece uma linguagem comum e uma plataforma para a democracia social. Ele cria condições para a democracia política e é fundamental para o desenvolvimento da cidadania democrática. O desporto aumenta o

entendimento e a valorização das diferenças culturais e contribui para a luta contra os preconceitos. Por último, o desporto desempenha um importante papel para limitar a exclusão social dos imigrantes e das minorias”¹⁰.

Tal como refere Nissen, o desporto é um elemento fundamental na limitação da exclusão social na medida em que é uma plataforma para a democracia social uma vez que cria condições para o desenvolvimento da cidadania democrática. É neste âmbito que se relata no âmbito desta dissertação as iniciativas desportivas do Moinho. A atividade física e o desporto são indicadores de desenvolvimento social e educam na pedagogia do empenho, esforço, busca de valores mais elevados, superação de limites e de uma certa forma são constantemente educativos. As práticas desportivas realizadas no Moinho são o atletismo, o basquetebol, o futsal, o judo e o jiu-jitsu. Promovidas por profissionais do desporto estas atividades são realizadas com base nos seguintes princípios:

- Trabalho de equipa na conjugação de esforços para a materialização das metas, missão e valores;
- Inovação nos métodos para promover a participação ativa dos membros e da comunidade;
- Acesso a todos à prática desportiva respeitando ao mesmo tempo a singularidade de cada um e a inclusão do indivíduo na sociedade;
- Desenvolvimento contínuo para ser, fazer, estar e saber mais e melhor, tendo em vista a aproximação das capacidades ao seu potencial.

No âmbito da “educação através do desporto” os objetivos gerais do Moinho no desporto enquadram-se nas seguintes áreas de intervenção:

- Gestão: criar uma estrutura e um modelo de funcionamento para o desenvolvimento das novas estratégias e objetivos;

- Participante: desenvolver a dimensão inclusiva do desporto possibilitando uma integração plena, uma formação complementar e ainda uma aprendizagem ao longo da vida;

¹⁰Niessen, J. (2000). *Diversity and cohesion: new challenges for the integration of immigrants and minorities*, pp. 68 Strasbourg: Council of Europe Publishing.

- Colaboradores: proporcionar ao projeto desportivo, recursos humanos qualificados;
- Atividades: desenvolver campanhas de sensibilização e promoção do aumento da atividade e prática desportiva;
- Comunicação: apostar no conhecimento e numa comunicação mais dinâmica e virtual através das diferentes plataformas *web* e moveis para ampliar o número de “adeptos”;
- Recursos e acessibilidades: proporcionar aos utentes as melhores condições possíveis de participação para que a experiência desportiva seja realmente um suporte no quotidiano.

O Moinho trabalha constantemente em todos estes âmbitos acima mencionados através do esforço dos seus colaboradores e sobretudo graças ao grande trabalho e força de vontade dos seus utentes. Estes, através de um tipo de educação não propriamente formal como é a do desporto por exemplo, aprendem a ser pessoas melhores.

2.9 Programa escolhas-“*Nu Kre III-E6G*”

No âmbito de projetos educacionais/sociais, um programa bem-sucedido que está na sua terceira edição na Cova da Moura é o programa Escolhas, governamental, de âmbito nacional, criado em 2001, promovido pela Presidência do Conselho de Ministros e integrado no Alto Comissariado para as Migrações – ACM, IP, cuja missão é promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis através de atividades de educação não formal que visam a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social. Atualmente o projeto está ligado ao Moinho durante os próximos três anos e prevê o trabalho de cinco técnicos, cinco monitores e cerca de novecentas pessoas, entre participantes diretos, indiretos e indivíduos pertencentes à comunidade envolvente.

Os principais objetivos deste programa são a inclusão escolar e educação não formal através da promoção do sucesso educativo de crianças e jovens do 1º/2º e 3º ciclo mediante atividades de apoio pedagógico, mediação na escola e estimulação na criação de interligação entre família escola e comunidade; a formação profissional e empregabilidade; a participação cívica e comunitária, a inclusão digital, e o estímulo ao Empreendedorismo e à capacitação dos jovens. O projeto tem produzido bons resultados e tem vindo a contribuir para a inclusão social das crianças e jovens imigrantes e descendentes do bairro da Cova da Moura. Trabalhar com crianças as

questões da liderança e da cidadania participativa através do desenvolvimento de competências artística tem ajudado muito os utentes a progredir na maturação das próprias competências e na obtenção de melhores condições sociais. O programa Escolhas “Nós Queremos” tem como público-alvo pessoas entre os 6 e os 30 anos e que apresentam características específicas como défice cognitivo, dificuldades de aprendizagem, ou que têm famílias pouco estruturadas que não valorizam a escola, competências parentais desajustadas, ou que estão expostas a modelos parentais com comportamentos desviantes. Com foco nestas pessoas o projeto tenta cada dia colmatar as necessidades identificadas nestes domínios acima mencionados e tenta contribuir para a mudança e melhoria efetiva de trajetórias de vida de crianças e jovens.

Capítulo III

A Formação no Moinho

Tanto a educação quanto a formação ocupou e ocupa, desde sempre, o lugar mais importante na intervenção da ACMJ.

As traves mestras e a filosofia sobre a qual se baseia a educação estão estreitamente ligadas aos princípios que guiam a formação no Moinho. Toda a ação formativa é acompanhada por uma avaliação contínua entre formandos, formadores e coordenadores dos vários projetos e tenta-se constantemente criar uma forte ligação entre as restantes componentes da vida e a formação para que esta não acabe simplesmente na sala de aprendizagem. Com este objetivo, os formadores constroem processos formativos que preveem uma estreita interligação entre a prática, a teoria, a ação e reflexão. Tanto como nas ações educativas, também nas formações, a metodologia de base é a aprendizagem interativa. As ações formativas do Moinho incidem tanto a nível de formação experiencial quanto a nível de formação formal.

É necessário sublinhar que quando se fala de formação experiencial, se intende referir-se à ideia do intelectual Rui Canário, segundo a qual se trata de um tipo de aprendizagem na qual a pessoa se forma por si própria utilizando recursos que provêm dos vários contextos em que se insere, adquirindo competências indispensáveis à sua subsistência na sociedade¹¹. Este tipo de aprendizagem, que responde de uma certa forma às mudanças socio-político-educacionais, resulta de um processo de combinação e transformação de experiências adquiridas e acumuladas pelo indivíduo em novos tipos de aprendizagens. Ou seja, como refere a professora Cavaco Carmen no seu texto de 2002 *Aprender fora da escola – Percursos de Formação Experiencial* “no processo de aquisição de conhecimentos por via experiencial não se adquire unicamente saber-fazer, mas também saber-ser, ou seja, efetuam-se aprendizagens dos domínios psicomotor, cognitivo, afetivo e social”¹².

Desde que a ACMJ obteve o reconhecimento de Instituição Particular de Solidariedade Social a oferta de serviços foi ampliada graças ao financiamento estatal e da União Europeia e ao esforço de todos os componentes do Moinho. É importante referir que,

¹¹ CANÁRIO, Rui (2006). *Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal* in Conselho Nacional de Educação. *A Educação em Portugal* (1986-2006). *Alguns contributos de investigação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

¹² CAVACO, Carmen (2002). *Aprender fora da escola - Percursos de Formação Experiencial*. Lisboa: Educa.

desde 1998, a Associação foi reconhecida pelo *Inoform-Instituto para a inovação na formação* como centro de formação e isso foi um grande objetivo alcançado pela mesma. A nível estatístico pode-se referir que até 2015 cerca de 4000 pessoas receberam “formação comprovada” fornecida pelo Moinho.

A nível de metodologias e projetos novos, é possível afirmar que o Moinho conseguiu sempre importar procedimentos existentes fora de Portugal e adaptá-los ao contexto português. As figuras profissionais que, de fora, foram importadas em Portugal pela Associação foram consideráveis: mães de bairro, mediadores socioculturais e técnicos da experiência.

3.1 As mães de bairro e o Pulo como resposta social

Esta figura profissional nasce a partir do trabalho realizado pela fundação holandesa *Averroës* com a qual o Moinho entrou em contacto em 1993. O projeto tinha sido criado na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Utrecht e em seguida o material usado pela Fundação foi disponibilizado, traduzido e implementado pelo Moinho que em 1997 criou o projeto “o Pulo”. Com base na ideia que havia no bairro de uma falta de apoio às crianças entre os 2 e 4 anos no seu quotidiano, e aos jovens até os 18 anos, o Pulo fornecia e fornece um auxílio às famílias através das figuras das mães de bairro. O Pulo atua no quotidiano segundo o conceito de trabalho em tandem, ou seja, de cooperação entre duas figuras chaves: o/a técnico/a académico/a e a técnica de experiência representada pela mãe de bairro. Juntos, formam um elo de ligação de cooperação solidária para trabalhar projetos de vida de maneira mais eficiente, realista e humana. O objetivo desta cooperação é a complementaridade: uma troca de conhecimentos e experiências com o intuito de funcionarem ou interpretarem códigos sociolinguísticos comuns. Por um lado, o/a técnico/a utiliza o seu conhecimento académico e profissional, as suas regras, estratégias e metodologias; por outro, o/a técnico/a da experiência parte da sua experiência parental e de residente do bairro socialmente estigmatizado que aperfeiçoou através da potenciação das atitudes, competências, metodologias e conhecimentos necessários. Esta abordagem sistémica permite obter bons resultados pois as relações de confiança que se estabelecem entre o técnico da experiência e os utentes é o pilar a partir do qual começa a formação parental e que permite por sua vez aos técnicos académicos terem mais acesso às dinâmicas relacionais e uma maior possibilidade de trabalharem intensivamente a valorização das competências parentais, a autonomia e a co-responsabilização das famílias.

A nível prático, semanalmente, em conjunto com pais/encarregados de educação de crianças e jovens, as mães de bairro dirigem-se à casa de quem pediu apoio e passam lá uma hora implementando atividades que serão, em seguida, continuadas durante a semana pela família auxiliada. Além desta formação parental, o Pulo organiza sessões de movimento, dramatizações, iniciação musical, jogos tradicionais, atividades de jardinagem, *workshops*, visitas de estudo. Um serviço muito importante prestado pelo Pulo é o acompanhamento na definição e execução de projetos de vida através do Plano Integrado de Apoio Familiar. Entre os outros serviços prestados pelo Pulo mencionamos:

- Encaminhamento e ajuda na obtenção de prestações sociais;
- Realização e dinamização de ações de informação/sensibilização para atenuar ou prevenir as situações de risco;
- Encaminhamento para programas de desenvolvimento de competências sociais para jovens em risco nomeadamente o projeto Estúdio Kova M ou desporto;
- Apoio para a inserção profissional e encaminhamento para o GIP (Gabinete de Inserção Profissional)
- Auxílio na integração de crianças e jovens na escolaridade obrigatória;
- Apoio no processo de obtenção da nacionalidade portuguesa
- Ajuda no regresso aos Países de origem em articulação com o serviço social do CNAI (Centros Nacionais de Apoio ao Migrante) e OIM (Organização Internacional das Migrações)
- Registo de utentes no Portal da Saúde, auxílio em marcações de consultas médicas *online* e articulação com os Centros de Saúde e Hospitais para resolução de problemas
- Sensibilização, encaminhamento e acompanhamento de utentes para tratamento de adições;
- Apoio na procura de nova habitação e auxílio nas apresentações de candidatura de programas de apoio social,

- Apoio em questões de organização da vida quotidiana como por exemplo ajudar a planificar como diminuir as despesas de agregados com carência económica;
- Avaliações das características de funcionamento individual dos elementos a família;
- Avaliação da dinâmica familiar no que concerne as relações afetivas e das formas de comunicação familiar;
- Apoio psicopedagógico e social do utente enquanto indivíduo e/ou terapia familiar,
- Promoção da aquisição da escolaridade obrigatória de forma a ir ao encontro do projeto profissional e de vida da criança ou do jovem;
- Avaliação das relações entre pais/encarregados da educação e criança/jovem;
- Formação social e política do indivíduo e intervenção orientada para o desenvolvimento cívico e para a responsabilização.

Todos estes serviços prestados têm como grupo-alvo:

- Crianças e jovens em situação de risco/perigo ou com necessidades especiais;
- Crianças e jovens de famílias numerosas ou de baixos recursos económicos;
- Crianças e jovens que não frequentam nenhum outro estabelecimento ou que foram sinalizadas por outras entidades.

Hoje em dia, o Pulo já não se apresenta apenas como um projeto bem-sucedido, mas é considerado como um verdadeiro acordo de cooperação entre o Moinho e o Instituto de Segurança Social. É considerado acordo social, o instrumento formal utilizado por entes públicos para estabelecer um vínculo cooperativo ou de parceria entre si ou com entidades privadas, que tenham interesses e condições recíprocas ou equivalentes, de modo a realizar um propósito comum, voltado ao interesse público. Normalmente, as duas partes fornecem, cada uma, a sua parcela de conhecimento, equipamento, ou até mesmo uma equipe, para que seja alcançado o objetivo estabelecido previamente. O acordo resulta tão bem-sucedido que até foi utilizado também noutros bairros

semelhantes ao bairro da Cova da Moura. Hoje em dia, as mães de bairro são formalmente enquadradas na profissão de agente de educação familiar segundo o BTE (Boletim de trabalho e emprego) de 2012. Atualmente no Pulo trabalham 3 técnicos académicos e três de técnicos de experiência e prestam ajuda a mais do que 55 famílias. Os objetivos iniciais foram implementados e ampliados e hoje, o Pulo tem como finalidade também o fortalecer a relação entre pais, filhos e comunidade (formação parental); mostrar que através do brincar é possível ensinar e aprender e tentar evitar o insucesso escolar partindo do problema à raiz. O Pulo apresenta-se como um verdadeiro jardim de infância itinerante e representa uma verdadeira resposta social ao momento de alienação humana e social que hoje em dia afeta o nosso mundo. O bairro de Cova da Moura representa um microcosmo no qual estão bem presentes os problemas que afetam toda a sociedade:

- Desemprego em todas as faixas etárias e retribuições baixas;
- Baixa qualificação escolar e profissional;
- Problemas de documentação legal;
- Alcoolismo e habitações degradadas;
- Abono escolar e insucesso na escola;
- Ineficácia no planeamento familiar, dificuldades em aceder aos cuidados primários de saúde;
- Violência doméstica, delinquência e criminalidade.

É neste contexto que o Pulo age com muita profundidade e baseia a própria ação na teoria da interligação¹³ a qual considera cinco eixos fundamentais: estar bem consigo próprio, com a própria cultura, com a cultura dos outros, com os objetos e com o ambiente e a natureza. Esta teoria afirma que, se estes eixos estiverem bem conectados entre eles é possível prevenir a criminalidade e delinquência, caso contrario o fator violência poderá estar bem desenvolvido.

A teoria da interligação, no âmbito do Pulo, faz com que se tenha uma intervenção sistémica/holística que potencia os resultados da intervenção pelo esforço da

¹³Associação Moinho da Juventude, *Evolução na Criminologia*, Disponível em <http://www.moinhodajuventude.pt/index.php/79-moinho/164-curso-de-agentes-de-interligacao>. Acedido em 10.05.2016.

interligação que os técnicos da experiência atuam em todos os sistemas potenciadores da inclusão. A aplicação desta Teoria é de importância máxima pois se os nexos entre os vários elementos da teoria estiverem bem fortes, o desenvolvimento da criança/jovem será saudável e permitirá prevenir comportamentos criminosos.

3.2 Mediadores Socioculturais

Segundo o Artigo 15.º do Despacho Normativo n.º 4-A/2008, de 24 de Janeiro é mediador sociocultural aquele que, tendo ou não vínculo laboral à entidade beneficiária, tem por função designadamente intervir nas ações dirigidas à promoção da integração de imigrantes e minorias étnicas, na perspetiva do reforço do diálogo intercultural e da coesão social, bem como outros que intervenham nas áreas da igualdade de género e violência de género.

No Moinho foi em 1995 que, após um financiamento comunitário, se realizou a primeira formação de mediadores socioculturais direcionada a doze jovens da Associação que tinham abandonado a escola, mas que revelavam capacidade de liderança. O projeto, baseado na ideia de uma instituição belga, incluía mais do que 2000 horas de formação e era formada por uma parte escolar que dava a obtenção por um lado do 9º ano e por outro uma parte meramente profissional que permitia de exercitar a função de mediador. Esta formação preparava o aprendiz à mediação em vários âmbitos, mas focalizava-se sobre a mediação entre família e escola.

Foi realizado até um projeto, dentro do projeto de formação, que visava analisar as dificuldades e o desempenho dos futuros formadores e o resultado foi em seguida publicado no livro “O Mediador” editado pelo próprio Moinho em 1998. Os dois âmbitos nos quais o mediador tinha que intervir maioritariamente eram na defesa dos direitos dos imigrantes e na criação de pontes entre sociedade de origem e de acolhimento enquanto intérprete ao mesmo tempo cultural e linguístico. Ao passo que esta formação se desenvolvia no Moinho, outras associações começaram o mesmo trabalho de formação e promoção desta figura profissional. Pela primeira vez, em 2006, o Serviço de Estrangeiros e Fronteira (SEF) recrutou dez mediadores socioculturais “pertencentes” ao Moinho e hoje em dia o número cresceu para dezassete. Atualmente, os mediadores apoiam centenas de imigrantes que têm dificuldades em expressar-se em português e que através da mediação conseguem se sentir mais apoiados num contexto

que muitas vezes é hostil. Também através deste tipo de apoio que os mediadores conseguem difundir uma imagem positiva de um modelo inovador de trabalho social. Segundo o Observatório da Imigração, o Moinho é considerado, hoje em dia, um dos grandes precursores na divulgação e aplicação desta estratégia de mediação em Portugal. Os objetivos desta ação de mediação são os de apostar constantemente na qualidade dos serviços prestados pelos mediadores do Moinho através da realização de três ações de formação durante um ano, promover uma colaboração regular com os serviços do SEF através também da organização de uma reunião semestral e trabalhar para a continuidade dos mediadores no SEF para que o protocolo SEF/Moinho seja contínuo.

Um grande objetivo foi alcançado também com a introdução de dez mediadores socioculturais no Alto Comissariado para as Migrações (ACM). Estes mediadores fazem com que a qualidade dos serviços de apoio aos migrantes e os seus descendentes seja capaz de satisfazer as necessidades dos utentes que também neste âmbito sentem muito uma falta de assistência “personalizada”.

O Moinho apresenta-se como um *unicum* neste aspeto de formação pois, como mostra este projeto de mediadores socioculturais, ao mesmo tempo existem na Associação formadores que se formam e formadores que formam. Assim como a figura da mãe de bairro foi reconhecida após as experiências da mesma no Moinho, também a figura do mediador sociocultural foi oficialmente reconhecida em 2012 no Boletim de Trabalho e de Emprego como profissão no grupo dos “trabalhadores sociais”.

3.3 Técnicos de experiência em pobreza e exclusão social

As pessoas que são socialmente excluídas sentem e experienciam na pele o significado de exclusão social. Quando se transporta essa vivência para uma partilha e linguagem comum, os técnicos da experiência podem melhorar as suas capacidades para mitigar a estigmatização social, não só em relação a eles próprios, mas relativamente aos outros. Figura profissional que prevê a sinergia entre experiência, prática e teórica, o técnico ou perito de experiência foi mais um elemento importado na Associação, desta vez a partir dos Países Baixos onde em 1994 iniciou-se um projeto de empregabilidade dos técnicos.

Em Portugal, esta figura foi considerada importante a partir de um artigo escrito por uma das fundadoras da Associação e moradora do bairro da Cova, Godlieve

Meersschaert. No referido artigo¹⁴, a Lieve (como costuma ser identificada) falava de quem viveu uma experiência extrema nomeadamente a da pobreza ou de uma específica doença. Esta mesma vivência era capaz, conjugada a um saber de tipo teórico, de contribuir para a materialização de um determinado objetivo. É assim que a figura do perito/técnico começa a ter um papel chave na associação, conjugado assim o vivido ao conhecimento teórico. Com base no artigo mencionado, Lieve definia o técnico como ‘pessoa que adquiriu a sua autoridade na base da sua vivência e não na base de aquisição sistemática de conhecimentos’. A figura do técnico bem se encaixa na ideia de um dos pilares da filosofia da associação, o empoderamento. O indivíduo através de uma valorização da experiência vivida adquire o poder de uma participação ativa na própria sociedade e torna-se capaz de enriquecer a própria vida e a dos outros mesmo consoante o princípio do *empowerment*. A formação do técnico em exclusão social é destinada a pessoas que vivenciaram a exclusão social a nível pessoal e que aprenderam a ultrapassá-la, adquirindo atitudes aptidões e conhecimentos necessários para aplicá-los a diversos contextos. Na aprendizagem da partilha destas experiências, eles podem beneficiar de uma perspetiva mais alargada de exclusão social e apoiar outras pessoas trabalhando em conjunto com os técnicos especializados. A articulação entre vivência e especialização ou conhecimento teórico não só cria amplas oportunidades para ajudar em diversas situações do quotidiano, como também delinea as possibilidades de novas formas de pensamento, conhecendo e aprendendo aquilo que o mundo de hoje exige.

Tendo sempre em conta a própria realidade e o que foi vivido no passado, as funções do perito são:

- Apoiar no sentido físico e moral quem precisa de ajuda;
- Interpretar- no sentido de esclarecer o que não é claro e nítido por parte de quem sofre uma determinada situação;
- Fazer de ponte- no sentido de mediar a comunicação entre as duas partes, quem precisa e quem não quer ajudar;
- Servir como promotor - no sentido de mostrar de que maneira umas determinadas medidas, por exemplo políticas, são negativas para quem sofre um problema específico.

¹⁴ Meersschaert, Godelieve (2004). Uma reflexão sobre o contributo da PARCERIA Peritas de Experiência/Técnicas no processo de ‘empowerment’ e na construção da resiliência. www.moinhoda juventude.pt/projectos/PeritosTecnicos.pdf.

Esta figura profissional já registou críticas por diferentes razões que abarcam sobretudo a questão do técnico e do técnico da experiência. Dir-se-ia de facto que esta ultima figura mencionada não é bem aceite pois estamos a viver numa sociedade na qual a clássica dicotomia entre “os Doutores e os não doutores” parece estar bem enraizada no pensamento da maioria das pessoas. Até o mesmo nome de “perito” teve que ser alterado pois em Portugal esta palavra destina-se apenas a quem tem doutoramento.

Hoje em dia é possível afirmar que as mães de bairro que no fundo são as técnicas de experiência, conseguiram adquirir o estatuto de “agente de educação familiar” segundo o BTE mas um verdadeiro reconhecimento da profissão de técnico de experiência ainda não existe.

3.4 Animadores interculturais e agentes de interligação

Hoje em dia, como no passado, a sociedade e a educação configuram-se como dois âmbitos estreitamente ligados entre si. E é a partir desta conexão que foram introduzidas, além das acima mencionadas, outras duas figuras muito importantes no Moinho: o animador intercultural e o agente de interligação. Com o objetivo de criar e manter uma educação permanente e comunitária, na qual valoriza-se a partilha de saberes entre os diferentes contextos de aprendizagem, assim como a interação com o meio envolvente, os agentes e os animadores acompanham diariamente o trabalho da Associação.

3.5 O Gabinete bairro tivo/Gabinete de inserção profissional.

Desde a sua construção, a Associação Moinho da Juventude investiu constantemente na formação e com o passar do tempo conseguiu finalmente em 2009 ter um centro de formação no interior do bairro denominado GBA-Gabinete Bairro ativo criado no âmbito da Iniciativa Bairros Críticos (IBC). Atualmente o GAB realiza atividades definidas nos acordos estabelecidos entre o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), a Cooperativa de Solidariedade Social. Muito importante é a parceria que o GAB tem com a Rumo, uma cooperativa, sem fins lucrativos, que tem por objetivo fundamental a solidariedade social e o desenvolvimento de atividades de apoio em diferentes domínios de intervenção a pessoas em situação de desvantagem, visando a defesa dos seus direitos individuais e de cidadania, designadamente no quadro da promoção do direito à igualdade de oportunidades e à inclusão escolar, profissional e comunitária. O

importante apoio financeiro do IEFPP permitiu durante o período de atuação do GAB de assegurar o seu funcionamento enquanto gabinete de prestações de serviços de qualidade no que respeita três áreas específicas: formação, emprego e empreendedorismo. Os três eixos temáticos fundamentais do GAB são o investimento no capital humano, a inclusão social e o emprego, sustentabilidade e eficiência no uso dos recursos. Desde o início das atividades, o GAB tem-se revelado um ente com muito sucesso no processo de inserção socioprofissional dos utentes e importante no combate à exclusão educacional/social.

Todas as atividades do gabinete têm como objetivos principais elevar os níveis de qualificação académica e profissional para garantir sucesso na vida e empregabilidade. Este trabalho está dirigido sobretudo às pessoas que se encontram em situações de desfavorecimento como situações de risco, pobreza e exclusão social. É possível considerar o GAB como um agente de desenvolvimento local que desde a sua criação tem vindo a reforçar e a estabelecer parcerias com entidades públicas e privadas (instituições do poder central e local, ONGs, associações empresarias e empresas) no sentido de melhor adequar o trabalho em rede às necessidades dos utentes relativamente ao seu processo de inserção socioprofissional e no sentido de tentar valorizar o bairro através do investimento na formação das pessoas que o moram.

Hoje em dia, este espaço de formação, situado ao lado da antiga biblioteca onde o Moinho nasceu, não se apresenta apenas como um espaço de apoio, aconselhamento, encaminhamento no que respeita às questões da educação/formação, emprego e empreendedorismo, mas também como facilitador e/ou executor direto de orientações e estratégias definidas para o território em que se insere.

É possível dividir as formações propostas no Gab em duas tipologias:

- Formação académica para a obtenção de um nível de escolaridade;
- Formação profissional para a mais rápida inserção no mundo do trabalho.

A oferta formativa do GAB prevê maioritariamente cursos destinados aos adultos, os chamados cursos EFA (Curso de Educação e Formação de Adultos) que dão a possibilidade de adquirir habilitações escolares e/ou competências profissionais, com vista a uma reinserção ou progressão no mercado de trabalho. Estes cursos

desenvolvem-se segundo percursos de dupla certificação e, sempre que tal se revele adequado ao perfil e história de vida dos adultos, apenas de habilitação escolar.

Os adultos já detentores do 3º ciclo do ensino básico ou do nível secundário de educação que pretendam obter uma dupla certificação podem, por exemplo, desenvolver apenas a componente de formação tecnológica do curso EFA correspondente.

Normalmente o GAB realiza cursos para utentes que tenham idade igual ou superior a 18 anos que pretendam completar o 1º, 2º, 3º ciclo do ensino básico ou o ensino secundário e/ou desejam obter uma certificação profissional.

Os cursos EFA organizam-se:

- a) Numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida;
- b) Em percursos de formação, definidos a partir de um diagnóstico inicial avaliativo, efetuado pelo GAS, ou de um processo de reconhecimento e validação das competências que o adulto foi adquirindo ao longo da vida;
- c) Em percursos formativos desenvolvidos de forma articulada, integrando uma formação de base e uma formação tecnológica ou apenas uma destas;
- d) Num modelo de formação modular, tendo por base as referências de formação que integram o Catálogo Nacional de Qualificações;
- e) No desenvolvimento de uma formação centrada em processos reflexivos e de aquisição de competências.

Em termos gerais, o modelo do gabinete apresenta quatro espaços de intervenção: a Orientação Profissional/Vocacional, a Formação, o Emprego e o Empreendedorismo. Existem três técnicos para as quatro áreas de ação cujo objetivo de trabalho é analisar as bases de dados para identificar as necessidades específicas de cada utente, encaminhar o utente na direção certa, promover e colaborar com a rede de parceiros para a construção de propostas e repostas adequadas, manter os dados sobre a educação/formação do utente constantemente atualizados, desenvolver processos de *Coaching*- Técnico e Utente, apoiar e organizar seminários/sessões informativas sobre ofertas formativas e dar continuidade ao desenvolvimento da rede de suporte à empregabilidade.

A nível metodológico, o GAB age através de um acompanhamento individualizado da pessoa ao longo do seu percurso de inserção. As formações são tendencialmente sempre de curta duração pois o grande problema dos cursos formativos é que os utentes podem perder o interesse no que está a ser ensinado/mostrado. Tudo o que é ensinado tem que ser rápido para que o utente comece logo a ver os resultados de uma formação que, no princípio, é sobretudo teórica. Dentro das diversas varias formações realizadas nos últimos anos, o projeto formativo que até agora foi mais produtivo e que produziu melhores resultados foi em 2015 com o projeto *Kowork*. Este projeto teve uma duração de 6 meses e previa dois grupos: o dos utentes com o objetivo de trabalhar por conta de outrem e o grupo de utentes que tinham como objetivo abrir o próprio negócio. Desta forma então, o primeiro grupo realizou uma formação para ganhar competências específicas e o segundo grupo visava ao desenvolvimento do empreendedorismo e a formação era mais focada em “puxar para fora” as competências de cada utente na construção do próprio trabalho. O projeto desenvolveu uma ação de capacitação teórico-prática através de formação a diferentes níveis:

- Cidadania Participativa, com o objetivo de dar a conhecer a sociedade criando uma maior capacidade de análise da realidade;

- Empreendedorismo, visando a capacitar os formandos na área da inovação e criação do próprio negócio;

- Carpintaria, com o objetivo de dar a conhecer aos formandos as técnicas de trabalho com a madeira e com a utilização de materiais recicláveis. O projeto previu também, em conjunto com as entidades parceiras, *workshops* nas áreas da criatividade, design, impressão 3D e graffiti. As sessões práticas de construção de objetos e experimentação em contexto real resultavam ser uma iniciação ao mundo do trabalho num espaço *coworking* aplicado à área das artes oficinais. O curso produziu ótimos resultados e conseguiu a integração de 8 formandos em contexto de trabalho.

Um outro projeto suportado pelo GAB e muito bem-sucedido é o Projeto *Sabura* (que em crioulo significa “apreciar aquilo que é bom, saborear”, projeto ativo já há muitos anos e que prevê uma visita guiada ao bairro da Cova da Moura. Na tentativa de divulgar uma melhor imagem do bairro, surgiu o projeto que pretende, através das visitas que recebe, mostrar a cultura e a vivência do bairro e dos seus moradores, nomeadamente o empreendedorismo dos 32 cabeleireiros africanos e dos restaurantes

típicos; as construções das casas em *djunta mon*; a literatura e a sua divulgação pelas crianças e jovens; os seus graffiti e danças africanas e contemporânea. A resolução do conselho de Ministros 143/2005 apoiou a desejo dos moradores em melhorar o bairro e foram empreendidas varias iniciativas de qualificação, envolvendo 45 parceiros. Passo a passo vão-se reconstruindo laços onde a delinquência é transformada e é criado e promovido um sentido de respeito por si e pelo espaço em comum.

No processo de criar estes novos laços, diversas iniciativas foram levadas a cabo: o Moinho investiu na formação dos cabeleireiros em conjunto com o Instituto de Medicina Tropical, organizando sessões sobre doenças de pele e higiene; os formandos dos cursos entrevistaram os proprietários dos restaurantes de modo a que cada cliente tivesse oportunidade de perceber a história do proprietário e do próprio restaurante; crianças, jovens e adultos uniram-se e pintaram 800 azulejos para identificar o nome das ruas contribuindo para a toponímia do bairro; vários fotógrafos promoveram *workshops* e deram visibilidade aos trabalhos realizados na Cova no Centro Cultural de Belém. Em suma, o *Sabura* promove a interligação entre os moradores do bairro e os visitantes, entre a cultura africana e europeia, entre diferentes maneiras de viver, entre o estigma de uma imagem negativa e a realidade de um local cheio de vida e entusiasmo.

Tal como no projeto *Sabura*, o GAB propõe vários tipos de formações que atualmente são:

- Formações modulares em diferentes áreas;
- O Programa de desenvolvimento de competências básicas, que inclui sessões coletivas e individuais visando a promoção de competências pessoais, sociais e socioprofissionais orientas para a empregabilidade como boa pratica;
- Formação para inclusão socioprofissional como o curso de técnicas de procura de emprego, que resulta ser essencial no processo de inserção profissional pois segundo um estudo realizado pelo GAB em 2014 a maioria dos inquiridos sente uma profunda dificuldade em saber como e onde realizar a procura de emprego;
- Formações de aprendizagem na área de informática e logística;
- Formações de empreendedorismo;

- Cursos de educação e formação académicas para jovens e adultos.

As diversas formações são em parte realizadas na sede do Gabinete Bairro Ativo sito na Cova da Moura e em parte nos vários entes ligados ao mesmo como a Escola Secundaria D. João V, a Escola Secundaria da Amadora e a escola Dr. Azvedo Neves, a Citeforma, o AERLIS (Associação Empresarial da Região de Lisboa), o Alto Comissariado para a Integração de Minorias Étnicas, Instituto da Qualidade e Soldadura entre os outros.

Hoje em dia, no GAB realizam-se também sessões coletivas de divulgação de ofertas e programas de apoio que além de ser um momento essencial na procura de emprego tornam-se momentos de partilha de experiências, conhecimento e expetativas dos participantes das sessões.

Partindo do pressuposto de que todas as pessoas têm direito a uma formação e a um emprego, foi criado em 2001 um projeto denominado “Emprego Apoiado” (*Supported Employment*) que estava inspirado numa metodologia americana que visava apoiar e acompanhar pessoas portadoras de deficiência ou com doença mental na obtenção e manutenção de um emprego através de percursos flexíveis e individualizados. No âmbito da Cova da Moura, o projeto foi desenvolvido e alargava-se também às pessoas consideradas em situações de desvantagem. Hoje em dia, o projeto conta com varias parcerias e sinergias com diversas empresas do tecido empresarial do concelho de Amadora e representa um meio importante para aproximar e estreitar ligações entre o mercado do trabalho e as pessoas que nele se procuram inserir. Esta metodologia do Emprego Apoiado resulta quebrar o paradigma: constitui-se como um evento importante na defesa dos direitos humanos das pessoas com deficiências e em situações de desvantagem, em particular o direito a estudarem, se formarem e trabalharem em contextos não segregados e a serem retribuídos pelo trabalho e esforço. Estas mesmas pessoas através desta metodologia, têm o direito de expressar o próprio pensamento e tomar as próprias decisões vindo isso a abarcar o princípio fundamental do *empowerment*.

A nível de equipa técnica, as formações são dadas por técnicos de diferentes áreas de saber que além de ter uma formação académica têm, por vezes, uma forte ligação ao bairro criando assim uma relação de maior proximidade entre técnico/utente, sendo a

mesma facilitadora nos processos de avaliação de capacidades e competências existentes e/ou a desenvolver e da definição de projetos de vida.

Todo o apoio que o GAB fornece aos utentes passa por:

- Uma triagem sobre os interesses, as capacidades, as competências e a motivação da pessoa que permite o encaminhamento e acompanhamento dos utentes para respostas formativas adequadas à sua situação,
- Apoio ao planeamento com relativa calendarização das sessões, esquematização das atividades e identificação de recursos;
- Suporte em questões práticas como encontrar ou gerir os transportes para chegar ao lugar da formação/emprego, ou como abrir uma conta bancária.
- Apoio constante na negociação com as entidades parceiras e/ou empregadoras
- Suporte na procura de emprego e acompanhamento após integração profissional.

A metodologia de trabalho do GAB através do acompanhamento individualizado é sem dúvida uma abordagem que permite resultados positivos e segundo uma análise atualizada relativa ao período 2012/2014 das 1263 pessoas que tiveram acompanhamento individualizado, quase o 30% conseguiu obter emprego. Neste contexto, esta percentagem resulta ser ótima pois, como já referimos anteriormente, a perda de interesse dos formandos é um fator que desvia “para a rua” muitos utentes. O tipo de acompanhamento além de ser individual pode prever um programa específico aquando do diagnóstico inicial são identificadas fragilidades na pessoa a acompanhar. Existe também a formando “sem programa” caso se identifiquem na pessoa em questão recursos pessoais já orientados para a autonomia, motivação, empregabilidade, posicionamento e orientação face ao projeto de vida. No primeiro caso, existe um maior planeamento nas estratégias a adotar prevendo também uma maior intervenção no apoio. Mediante o percurso elaborado, cada utente poderá transitar entre ambas as tipologias de acompanhamento, passando assim de momentos de acompanhamento com programa a outros sem programa. Em termos gerais há três momentos fundamentais na avaliação do trabalho do GAB:

-um momento inicial de verificação da coerência das atividades no sentido de perceber se o proposto se coaduna com as necessidades diagnosticadas inicialmente;

-um momento intermédio de análise da eficácia da intervenção que consiste em averiguar se o proposto na fase inicial é cumprido, e em caso negativo, verificar os respetivos erros/desvios e as causas, nomeadamente no que concerne as metas e objetivos;

-um momento final de verificação dos impactos e resultados finais no sentido de refletir sobre o nexos entre o resultado e a metodologia utilizada, e sobre os respetivos impactos ao nível do acompanhamento individualizado. A partir de aí refletir e identificar as mais-valias e os constrangimentos decorrentes do processo todo.

Para este momento de avaliação, os meios utilizados pelo GAB são a aplicação de questionários de tipo quantitativo e qualitativo; a utilização de plataforma de base de dados para o registo dos acompanhamentos individualizados dos utentes; auto-avaliação e reuniões de equipa.

Face a complexidade de situações que se apresentam no GAB é claro que a questão da formação e da empregabilidade se cruzam com uma série de intervenções a nível de saúde, habitação, documentação, proteção social que tentam ser resolvidas com a cooperação dos vários parceiros e das diferentes respostas sociais presentes na ACMJ. Atualmente o trabalho do GAB tem maior incidência no bairro da Cova da Moura, no entanto as parcerias com os vários entes ampliam a área de intervenção do mesmo e muitos utentes vêm de outros concelhos da área da Grande Lisboa para pedir apoio.

O GAB representa hoje um elemento fundamental para os moradores do bairro e é uma fonte de orgulho no âmbito do Moinho pois consegue cada dia dar apoio em vários âmbitos a dezenas de pessoas que, fora do bairro, por causa do estigma que existe, encontrariam muitíssimas dificuldades.

Capítulo IV

As outras formas de educar e formar no Moinho

4.1 Iniciativas de Ação social: o centro de documentação e o balcão de cidadão

Estes dois suportes à comunidade apoiam nas questões relacionadas com a regularização da situação referente à documentação que resulta ser um dos grandes problemas que as pessoas do bairro sentem constantemente. Estes dois sítios, apresentam-se também como lugares de educação/informação pois os utentes acabam as vezes por aprender a reconhecer os próprios direitos enquanto cidadãos e imigrantes além de ser apoiados na regularização dos documentos, no acesso a registos e certidões diretamente ligados com Cabo Verde ou efetuar marcações no SEF. Os princípios e valores presentes nestes dois locais são extremamente ligados ao tema da educação pois há aí uma forte promoção e divulgação de livros e da leitura enquanto fonte de conhecimento e enriquecimento para todos, da literatura africana e do aperfeiçoamento do uso oral e escrita das línguas. É por isso que o centro de documentação funciona em dois lugares da associação: na Biblioteca Ramos Rosa e na sala de informática, enquanto o Balcão do cidadão apenas na Biblioteca. Os lugares de atuação destes dois serviços prestados pela ACMJ foram escolhidos com uma razão específica: quase todas as pessoas do bairro pelo menos uma vez passam por aí e é nestes lugares que são estimulados, pela primeira vez, as vezes, à educação e ao conhecimento.

4.2 O Gabinete de ação social

Este ente oferece aos cidadãos do bairro mais uma oferta que tem a missão de promover a definição e execução de projetos de vida significantes de forma a aumentar o bem-estar da população e a sua realização pessoal. A estrutura no GAS prevê o trabalho em tandem de um assistente social e de um técnico da experiencia. O Gabinete de Ação Social oferece todos os dias aos moradores do bairro entre os vários serviços acompanhamento na definição e execução de projetos de vida; encaminhamento e ajuda na obtenção de prestações sociais; encaminhamento e promoção da inscrição na segurança social direta e articulação com instituições para a obtenção de apoios ou integração em respostas sociais; apoio na inscrição da prova da língua portuguesa para instituir o pedido de nacionalidade.

O GAS promove também a aquisição da escolaridade obrigatória e da formação pós-secundária ou superior de forma a ir encontro do projeto de vida da criança ou jovem através de campanhas de sensibilização das famílias da criança em abandono escolar e para a obtenção de melhores condições laborais. Importante tarefa do GAS é a promoção dos direitos humanos através da realização de sessões de queixas e exposições a organismos com competência em matéria de situações suscetíveis de pôr em causa estes direitos

Os objetivos principais desta entidade são a promoção do bem-estar bio-psico-socio-cultural do utente; a divulgação do desenvolvimento de competências sociais que ajudem as pessoas a lidar com situações de crise, capacitar a comunidade para que de uma forma autónoma consiga definir e executar os seus projetos de vida, intervir sistemicamente de forma a criar estratégias eficazes de resoluções de problemas.

O GAS como todas as outras peças do Moinho tenta trabalhar sobre um aspeto essencial na obtenção de resultados positivos: a motivação. Segundo Pintrich (2000) a planificação da motivação e a ativação da mesma implica adotar metas, de acordo com o tipo de tarefas que nos propomos, bem como a estimulação de um conjunto de crenças motivacionais, tais como as crenças de autoeficácia, os interesses pessoais nas tarefas propostas e as crenças sobre a importância dessas mesmas tarefas¹⁵. E é com base neste pensamento que o Moinho trabalha cada dia.

4.3 O Centro S.Tomkiewicz

A missão do centro é de incentivar e implementar atitudes de promoção de saúde e de bem-estar na comunidade, bem como, disponibilizar o apoio socio educativo e psicopedagógico às respostas sociais de educação e técnicos do Moinho. Refletir e operacionalizar a formação. O trabalho realizado e inserido na missão do centro incide essencialmente na reflexão e operacionalização de ações de formação e suporte pedagógico. O centro é assumido como espaço imprescindível de partilha e de reflexão, no qual, face aos contextos complexos com que a o Moinho se depara, se organiza uma ação diária sem a necessária consciência das suas implicações. O Centro visa a refletir sobre as necessidades de formação e a fazer com que as mesmas necessidades se tornem práticas. A promoção do apoio educativo, pedagógico e psico-pedagógico ao nível das

¹⁵ Pintrich, P. R. (2003). *A motivational science perspective on the role of student motivation in learning and teaching contexts*. Vol.95 N.4 Journal of Educational Psychology

valências de educação do Moinho numa perspetiva transversal é um dos objetivos do centro.

O Centro Tomkiewicz assenta a sua intervenção no quadro das traves mestras do Moinho e na sua ligação à identidade e à história da própria comunidade. A sua orientação baseia-se no princípio da pluralidade e do pensamento livre, como expressão máxima do direito à autodeterminação e à auto-regulação das pessoas e de todas as comunidades humanas. Combate todas as formas de exclusão e de pensamento unitário construindo por isso dinâmicas de trabalho assentes na cooperação, fraternidade e justiça.

4.4 Iniciativas de âmbito cultural

A cultura e as raízes dos moradores da Cova da Moura impulsionaram o trabalho do Moinho, desde sempre.

Nos anos 80 as mulheres juntaram-se no Moinho para discutir e refletir sobre a importância do “Batuque” (grupo exclusivamente feminino de percussões) que elas faziam nas festas e casamentos em Cabo Verde. Intuitivamente, estavam conscientes da importância desta tradição de dança e música e da forma como está ligada à consciência de uma identidade cultural que mesmo contrastando com um referencial europeu foi vista positivamente e valorizada por fazer parte das suas origens. Através da música as mulheres expressam os seus medos e preocupações, aconselham-se, e refletem sobre o papel da mulher na sociedade. É possível analisar as iniciativas culturais no Moinho enquanto momento importante de educação não formal.

4.4.1 O grupo *Finka Pé*

Desde a sua origem, o grupo de batuque *Finka pé* (em português “fica com o pé”) apresenta-se como uma prática performativa das mais importantes e representativas do património musical da ilha de Santiago de Cabo Verde e também da Cova, tendo referências desde o século XVII. Quando o grupo de batuque deu os primeiros passos, os filhos das batucadeiras temiam qual seria a reação da comunidade portuguesa relativamente à atuação das suas mães. No entanto, estas conquistaram não só os portugueses, como alcançaram reconhecimento internacional com atuações em Sevilha (1992), na Bélgica (2003) e em Paris (2009). O reconhecimento internacional do grupo tem sido um momento muito importante para a divulgação da auto-estima e também no desenvolvimento da aceitação da cultura dos pais por parte dos filhos.

Finka Pé não é um grupo de folclore: o dia-a-dia de cada um enquadra-se na raiz do grupo que envolve a arte do próprio corpo que expressa emoções, sentimentos, problemas, sensações. Isto é uma forma de terapia através da arte na medida em que cada nova experiência pode dar origem a uma nova música e dança e cada atuação é única e depende muito da interação dos participantes e do público. Esta forma de arte representa um grande momento de formação e educação familiar pois o grupo tem por objetivo transmitir valores duma geração para outra reforçando a vinculação no quadro da teoria da interligação.

4.4.2 O Kola San Jon

Expressão cabo-verdiana das ilhas de São Vicente e Santo Antão, foi proibida pelo poder português durante o império colonial. Existente desde 1991 no quadro do Moinho da Juventude, representa, hoje em dia, um elemento para reforçar a identidade cultural dos imigrantes e dos seus descendentes que vivem em Portugal.

Esta prática performativa venera a interligação do corpo e da alma e promove a importância da fertilidade. Os objetivos gerais dos fundadores são a promoção, em cada 18 de Junho, da festa de São João que chama muitas pessoas de fora para o bairro fazendo com que este seja um momento muito importante de abertura do bairro para o exterior. Este evento promove os valores e a cultura cabo-verdiana e junta o inteiro bairro a fazer algo em comum, um *djunta mon* para mostrar que Cova da Moura não é apenas delinquência. Os jovens e adultos presentes na organização deste evento participam nisso não só pela importância que eles representam pelos conterrâneos, mas sobretudo pelo reconhecimento por parte da comunidade portuguesa e internacional: o *Kola San Jon* representa ao mesmo tempo uma forma de auto-representação cultural e uma maneira para a integração na sociedade através da dança e música. Os jovens vão mais além da tradição e expandem-na criando constantemente novos grupos como o caso do *Wonderful's Cova M*, grupo de dança que foi reconhecido como o melhor em Portugal no ano 2008.

4.5 O estúdio de gravação

Outro lugar de formação é o estúdio de gravação criado em 2000 com o objetivo de programar e divulgar as ações de formação musical ligadas à produção de conteúdos multimédia (músicas, vídeos). O estúdio trabalha com dois técnicos de música, dois colaboradores e dois voluntários e todos eles tentam divulgar o trabalho ali feito para

que, como forma de autossustentação, se tente chamar a atenção de artistas que queiram gravar novas músicas. Todos os anos, o objetivo deste espaço é o de gravar pelo menos um cd de R&B/Rap, criar o hino do Moinho e um hino próprio da claqué de basquete, produzir videoclips, gravar CD's de música africana (funaná, morna) e criar letras de músicas com a participação de escritores dos PALOP. Cada ano, o trabalho anual se concentra para a preparação do Festival da Juventude “*KovaM Festival*” que reúne muitas pessoas de fora para dentro do bairro fazendo com que este momento se torne um espaço de intercâmbio multicultural e que dê uma imagem do bairro diferente da tradicional.

4.6 Núcleos de apoio transversal

4.6.1 O Pólo informático

Com o objetivo de promover a inclusão digital através da formação inicial e continua das tecnologias de informação e comunicação, o Pólo informático visa a fomentar autonomia e consciencialização dos moradores no acesso as informações e serviços existentes na Internet para uma cidadania ativa no conhecimento dos seus direitos e deveres. As atividades de formação realizada nesta estrutura são:

- Formação informática inicial às crianças do jardim-de-infância e aos utentes da creche familiar;
- Formação de informática para a obtenção do Diploma de Competências Básicas (DCB);
- Acompanhamento e apoio a todos os utilizadores públicos do Pólo.

O Pólo apresenta-se como mais um espaço de formação para a integração e de preparação à realidade de hoje em dia que prevê sempre mais o saber utilizar tudo o que informático: a ignorância neste âmbito para quem vem de um bairro marginalizado pode ser mais um elemento de discriminação.

4.7 A biblioteca Ramos Rosa e a biblioteca Ângelo Felgueiras

As duas bibliotecas presentes no bairro da Cova da Moura visam a facultar, nas melhores condições de utilização, os recursos existentes e informativos necessários ao desempenho das funções das bibliotecas (educação permanente e extensão cultural) planificando um conjunto de atividades de dinamização cultural que permite uma

aproximação entre estes dois espaços e a comunidade. Os espaços acima mencionados são lugares abertos a todas as expressões culturais tais como exposições temáticas, arte, ciclos culturais, *workshops* entre outras. Os objetivos gerais destes dois lugares são a promoção da leitura e dos livros no bairro, o apoio a estudantes e investigadores a nível de procura de documentação, a divulgação e promoção de obras de autores de língua portuguesa e em especial de autores africanos de língua portuguesa, exploração da música (Hip-hop) como forma de promoção da leitura e a promoção de concursos de escrita literária e criativa. Uma atividade muito interessante que foi encontrada, entre as outras, nas duas bibliotecas é a da terapia com o livro: os colaboradores incentivam os utentes ao hábito de leitura na infância estimulando ao desenvolvimento da imaginação, das emoções e dos sentimentos.

O Moinho representa um lugar de construção em todos os seus âmbitos, até a cozinha é um lugar de formação: promovem-se sessões de culinária, se fazem reuniões semanais para ver o que é preciso melhorar, se participa, se intervém, se fazem propostas e finalmente se aprendem as regras da cozinha. Neste mesmo sítio se promove a interculturalidade com a recolha de receitas típicas de cada comunidade africana e com a confeção bimensal de uma refeição típica.

Conclusões

O diálogo sobre o futuro

O bairro da Cova da Moura atravessa, há vários anos, uma turbulência quanto ao seu futuro, por se confrontar com a vontade de responsáveis políticos em desmantelá-lo e realojar a população em habitação vertical. Além disso, a má fama que o bairro tem no exterior, sobretudo com o auxílio da comunicação social, não ajuda, de maneira alguma, a sobrevivência deste bairro.

De uma forma muito forte, a Associação Moinho da Juventude representa uma das poucas imagens positivas que o bairro tem hoje em dia. Mesmo assim, todo o grande trabalho e esforço que quotidianamente se realiza no Moinho é pouco reconhecido pelos demais. Os moradores da Cova da Moura reivindicam o bairro como algo que lhes pertence: assim como o antigo Mocambo, o bairro em questão foi povoado por pessoas que, do nada, conseguiram criar um mundo, o único mundo que têm. Embora hoje em dia muitos moradores do bairro queiram sair do mesmo para tentar mudar de vida, para não serem constantemente estigmatizados por serem “da Cova”, o sentimento de querer ficar no mesmo para mudá-lo prevalece. O ter visto novos países, graças às viagens de intercâmbio realizadas no Moinho por exemplo, faz com que uma grande parte dos jovens aspire a novos horizontes. A ligação afetiva que os moradores têm com o bairro é extrema: este pedaço de terra representa de uma certa forma o abrigo cabo-verdiano na terra lusitana. No bairro e no Moinho o conceito de porosidade é muito importante: existem pessoas que habitam o bairro e as suas vidas confundem-se com a do Moinho, pelo que há uma continuidade quase natural entre o ser do bairro e o ser do Moinho. Pelas informações recebidas durante este estudo, evidencia-se que as atividades realizadas no Moinho não foram bem aceites desde sempre por todos os moradores do bairro: no princípio do projeto *Sabura* por exemplo, houve uma série de reclamações vindas de uma parte da população da Cova, pois a “invasão” dos turistas no bairro fazia nascer nos moradores a sensação de estar a ser objeto de estudo, como se se tratasse de um lugar esquisito a ser fotografado e observado. Em seguida, como o projeto acima mencionado começou a produzir grandes resultados a nível de empreendedorismo e a nível de imagem diferente do bairro, as pessoas começaram a ter uma ideia menos negativa sobre o projeto tanto que hoje em dia parece ser algo de normal que se passa todos os dias no bairro. O projeto *Sabura* conseguiu em parte mostrar que a realidade é

bem diferente da estigmatizada pela comunicação social que confunde acontecimentos pontuais e fraturantes com um quotidiano “normal”.

O Moinho da Juventude configura-se como o grande sustentáculo do bairro, o pilar e o protetor da integridade do mesmo pois se torna um intermediário para fazer chegar a voz das pessoas onde é preciso. A formação que cada dia o Moinho fornece a partir da creche Árvore, passando pela creche familiar, com o jardim-de-infância, o Centro de Atividades de Tempos livres, com o trabalho do Pulo, da formação parental e do espaço intergeracional da Cidadania Participativa faz com que haja umas pessoas diferentes para integrar e inserir numa sociedade que muitas vezes é hostil e madrasta, que crê mais nas imagens passadas pelos média que na realidade verídica.

Pode-se afirmar que a requalificação do bairro se apresenta como elemento unificador para os moradores que acreditam num futuro melhor e mais digno do mesmo, onde haja uma maior abertura deste ao exterior e onde a diferença cultural desta população se apresente como riqueza, como uma mais-valia para a sociedade portuguesa onde vivem.

Hoje em dia, mais do nunca, regista-se uma necessidade em reformular as políticas educacionais, às vezes muito arcaicas, e a associação Moinho da Juventude parece de uma certa forma encarar estas mudanças sociais mesclando entre si as três educações, formal, informal e não formal.

Atualmente, fala-se de *lifelong learning*, a aprendizagem que considera a dimensão vertical, ao longo da vida: no Moinho trabalha-se mesmo com base nisso. O *Lifelong learning* representa o superar a dimensão temporal definida (o tempo da aprendizagem inicial) que no passado representava, durante a existência humana, a única parte de vida dedicada à aprendizagem e ao estudo. Hoje em dia, o conceito de aprendizagem ao longo da vida ampliou-se e atualmente se fala também de *Lifewide Learning*, a aprendizagem ligada a cada contexto e dimensão da vida. Esta definição refere-se, portanto, a uma aprendizagem abrangente, uma aprendizagem ligada à dimensão horizontal que supera todos os lugares clássicos da educação e formação (escolas, institutos, universidades) e a valoriza em cada específica experiência do sujeito. O Moinho, neste âmbito, confirma então o conceito de *Lifelong lifewide learning* no qual os tempos e os espaços da aprendizagem se alargam até à compreensão de que cada âmbito da vida e cada tempo do ser são essenciais para aprender.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, R. (2000). *O Fenómeno Associativo em Contexto Migratório*, Duas Décadas de Associativismo de Imigrantes em Portugal, Oeiras, Celta.
- ALRED G., BYRAM M. E FLEMING M. (2006). *Education for Intercultural Citizenship: Concepts and Comparisons*, Clevedon: Multilingual Matters.
- BEJA H., (2008). *A Construção da Alteridade: Nacionalidade, políticas de imigração e acção colectiva migrante na sociedade portuguesa pós-colonial*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, FCT.
- BIZARRO, R. (2007). *Eu e o Outro. Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais*, Porto: Areal Editores.
- CÁDIMA, R.; FIGUEIREDO, A. (2003). *Representações (Imagens) dos Imigrantes e das Minorias Étnicas nos Media*. Lisboa. ACIME.
- CANÁRIO, R. (2005). *O que é a escola? Um 'olhar' sociológico*. Porto: Porto Editora.
- CANÁRIO, R. (2013). *Educação popular e 'questão social' na modernidade europeia*. In: Streck D. e Esteban M.T.(orgs). *Educação popular: lugar de construção social coletiva*. São Paulo: Editora Vozes. 334-347.
- CANÁRIO, R.; ALVES, N. E ROLO, C. (2001). *Escola e exclusão social*. Lisboa: Educa.
- CASIMIRO, E., (2008). *Percursos escolares de descendentes de imigrantes de origem cabo-verdiana em Lisboa e Roterdão*, Lisboa, ACIDI.
- CATARCI M.; FIORUCCI M. (2015). *Oltre i confini. Indicazioni e proposte per fare educazione interculturale*, Roma, Armando Editore.
- FREIRE, J. (2006). Um olhar sociológico sobre o associativismo: o clássico e o contemporâneo, in Ventura, M^a. G. (org.), *O Associativismo das Confrarias e Irmandades aos Movimentos Sociais Contemporâneos*, Lisboa, Colibri, pp. 15-26.
- GOIS, P., (2008) *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI). Consultado no site:
http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179693/2_comunidades_cabo_verdianas.pdf/73c157cf-8842-43cf-9dfe-356f880014ac Acedido em 19.04.2016
- HENRIQUES, I., LEITE, P. (2013). *Lisboa cidade Africana: Percursos de Lugares de Memória*, 1^a edição, pp.29, ISBN- 978-972-8750-17-6 Lisboa/ Ilha de Moçambique: Marca D Água.
- LNEC-Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Departamento de Edifícios, Núcleo de Arquitetura e Urbanismo, Proc. 0806/01/16942, (2008) Colaboração do Lnece na

Análise das Condições de Habitabilidade do Edificado no Bairro do Alto da Cova da Moura - Relatório de Síntese.

LOUDE, J.Y, (2005). *Lisboa na Cidade Negra*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

MACHADO, F. L. e Matias, A. R. (2006). *Bibliografia sobre imigração e minorias étnicas em Portugal (2000-2006)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MACAÍSTA, MALHEIROS J.et al. (2007). *Espaços e Expressões de Conflito e Tensão entre Autóctones, Minorias Migrantes e Não Migrantes na Área Metropolitana de Lisboa*, Observatório da Imigração, 22, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

MARQUES, M.M. & MARTINS, J.L. (2013). Escola e Migrações in Silva M.C. (org.), *Etnicidade e Racismo*. Porto: Afrontamento

Marques, M.M. (2013). As associações de origem migrante enquanto instituições sociais, in *Migrações na Europa e em Portugal Ensaios de homenagem a Maria Ioannis Baganha*. Coimbra: Almedina, pp. 101-122.

MARQUES, M.M; MARTINS, J.L. (2005). *Jovens, Migrantes e a sociedade da informação e do conhecimento. A escola perante a diversidade*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

MELNIC, A., BOTEZ ,N,(2014). *Formal, Non-formal and Informal Interdependence in Education*. Disponível em http://www.ugb.ro/etc/etc2014no1/18_Melnic_Botez.pdf. Acedido em 24.05.2016

PEIXOTO, J. (2007). *Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal*. Análise social. Vol. XLII (183). 445-469.

PINTRICH,P. R.(2003).*A motivational science perspective on the role of student motivation in learning and teaching contexts*. Journal of Educational Psychology, 95(4),667--686.doi: 10.1037/0022--0663.95.4.667

PIRES, A. M. da Silva Miranda (1993). *Multiculturalismo, Escolas e Minorias Étnicas*, dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, apresentada na FCT/UNL.

PIRES, PENA R. (2003) *Migrações e Integração. Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*, Oeiras, Celta.

RAMOS, N. (2008) *Educação, Interculturalidade e Cidadania*, Bucarest: Milena Press.

SAINT-MAURICE, A. (1997) *Identidades Reconstruídas, Cabo-Verdianos em Portugal*, Oeiras, Celta.

SANTOS, I., (2014) *Construir e Construir-se (n)uma Associação de Bairro: o Moinho da Juventude, na Cova da Moura*, Tese de Doutoramento Universidade de Lisboa, Instituto de Educação.

SARDINHA, J. (2004) *Associativismo cabo-verdiano na área metropolitana de Lisboa e a inserção da comunidade cabo-verdiana na sociedade Portuguesa*. Actas do VIII Congresso Afro-Luso-Brasileiro de Ciências Sociais. Consultado no site:
<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel1/JoaoManuelSardinha.pdf>

TAVARES, VIEGAS M. (1999) -*Insucesso Escolar e as Minorias Étnicas em Portugal: uma abordagem antropológica da educação*. Lisboa, Editora Brochado.

VAZ, C., (2006). *Afinal quem sou eu? A identidade de crianças de origem cabo-verdiana em espaço escolar*, Lisboa: ISCSP/UTL.

Sites consultados:

<http://www.oi.acidi.gov.pt/index.php>

<http://moinhodajuventude.pt/>

<http://moinhodajuventude.blogspot.pt/>

<http://www.priberam.pt/dlpo/>

Publicações do Moinho da Juventude:

Associação Cultural Moinho da Juventude (2001). *Associação Cultural Moinho da Juventude*. Revista Formar. N. 40, 28-40.

Associação Cultural Moinho da Juventude (s/d). *Uma jornada de inquietude, uma jornada de capacitação*. Amadora: ACMJ.

Associação Cultural Moinho da Juventude (2014). Relatório de atividades.

Associação Cultural Moinho da Juventude (2015). Relatório de atividades.

Associação Moinho da Juventude, *Evolução na Criminologia*, Disponível em <http://www.moinhodajuventude.pt/index.php/79-moinho/164-curso-de-agentes-de-interligacao>. Acedido em 10.05.2016.

Associação Cultural Moinho da Juventude (2008). *Sabura, um projeto de afirmação identitária e comunitária da Cova da Moura*. Revista Aprender ao Longo da Vida. N. 8. 42-46.

Meersschaert, Godelieve (2004). *Uma reflexão sobre o contributo da PARCERIA Peritas de Experiência/Técnicas no processo de 'empowerment' e na construção da resiliência*. Disponível em: www.moinhodajuventude.pt/projectos/PeritosTecnicos.pdf. Acedido em 15.06.2016.

Documentos legais

Artigo 15.º do Despacho Normativo n.º 4-A/2008: define o conceito de mediador sociocultural.

Ministro da Solidariedade, Emprego e Segurança Social, (2014) *Compromisso de cooperação para o setor social e solidário*, Lisboa. Disponível em: <http://www.seg-social.pt/documents/10152/453857/Protocolo+de+Coopera%C3%A7%C3%A3o+2015-2016>. Acedido em 05.08.2016

ANEXOS



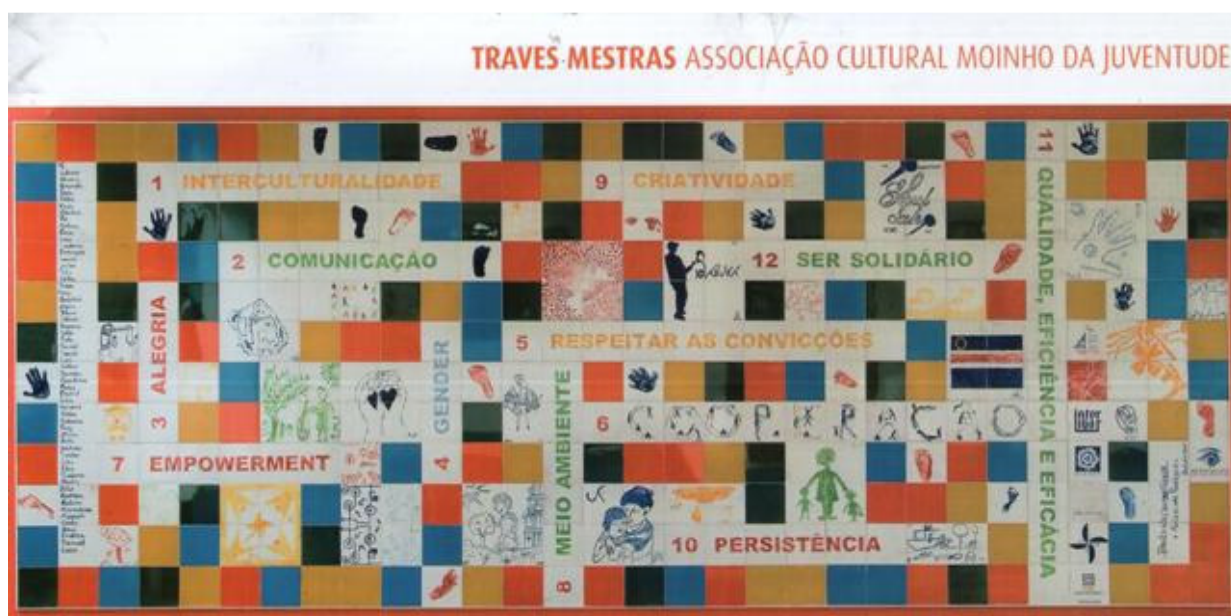
Anexo1.Plano do bairro de Cova da Moura.¹⁶

¹⁶ Fonte: Google maps, 2016



Anexo2.Estampa de Lisboa no século XVI de Giogio Braunio.¹⁷

¹⁷ Fonte: <https://museudigitalafroportugues.wordpress.com/sobre/galeria-heranca-africana-em-lisboa/lisboa-ribeirinha/o-bairro-do-mocambo/>



Anexo3.Representação das traves mestras do Moinho da Juventude.¹⁸

¹⁸ Associação Cultural Moinho da Juventude (s/d). Uma jornada de inquietude, uma jornada de capacitação. Amadora: ACMJ.